

## **Contrariar o *Deserto* Historiográfico Madeirense sobre a Medicina e a Saúde Pública: Análise Crítica e Caminhos Possíveis**

### Challenging the Madeiran Historiographical *Desert* on Medicine and Public Health: Critical Analysis and Possible Directions

*Luís Timóteo Ferreira*<sup>1</sup>

#### **Resumo**

É por demais evidente a constatação de que há um quase deserto historiográfico madeirense sobre a medicina e a saúde pública, seja em termos absolutos, seja em termos comparativos com outros temas e campos da história do arquipélago. Procurar-se-á demonstrar esta situação com alguns dados quantitativos, procedendo a um levantamento exaustivo e a uma análise crítica e interpretativa da historiografia madeirense sobre o tema. Recusando qualquer tipo de polémica vã, parte-se do pressuposto que o que define a historiografia madeirense é a espacialidade insular dos objetos históricos presentes nos tradicionais ou nos renovados campos de investigação histórica.

*Medicina e saúde pública* fazem parte de um campo hoje bastante amplo chamado ciências da saúde, ainda que ambos extravasem para campos das ciências sociais como a sociologia ou a antropologia da saúde, da doença e das profissões ligadas à saúde. A opção pela manutenção daquelas duas categorias não representa a exclusão de outras ciências, mas a admissão, sem dúvida questionável, de que aquelas categorias cobrem o essencial das ciências da saúde até, sensivelmente, o final do século XIX. Quanto à categoria *medicina*, entenda-se também incluída a *cirurgia*, a *farmácia* e a *enfermagem*.

---

<sup>1</sup> Professor do ensino básico no Funchal. Licenciou-se em história pela Universidade de Coimbra (1991). Aí concluiu a parte curricular do mestrado em história contemporânea de Portugal (1994). É mestre em ciências da educação, área de inovação pedagógica, pela Universidade da Madeira (2011). Aí concluiu a parte curricular do doutoramento em ciências da educação, área de currículo (2014). Atualmente prepara tese de doutoramento em estudos contemporâneos pelo Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) da Universidade de Coimbra sobre a história da medicina, da cirurgia e da farmácia na Madeira. É investigador colaborador, não doutorado, do grupo de investigação História e Sociologia da Ciência e da Técnica (CEIS20 – Instituto de Investigação Interdisciplinar – Universidade de Coimbra). Contacto: [timoteo.ferreira@edu.madeira.gov.pt](mailto:timoteo.ferreira@edu.madeira.gov.pt).

Quanto à categoria *saúde pública*, convoca a possibilidade de identificar e traçar o desenvolvimento de saberes, de práticas, de tecnologias, de instituições e de políticas que se conjugaram ao longo do tempo. Refira-se ainda que as tradicionais histórias da medicina e da saúde pública têm sido enriquecidas nas últimas décadas com a constituição de novos objetos que deslocaram pontos de vista: a história das doenças, dos doentes, dos marginalizados e dos corpos.

Por fim, a partir do levantamento quantitativo e da análise crítica e interpretativa da historiografia madeirense sobre a medicina e a saúde pública, bem como a partir da minha própria investigação em curso, procurar-se-á apontar caminhos possíveis de continuidade e renovação dos enfoques.

**Palavras-chave:** Arquipélago da Madeira; História; Historiografia; Medicina; Saúde Pública.

### **Abstract**

It is quite clear that there is an almost complete lack of Madeiran historiography on medicine and public health, whether in absolute terms or in comparative terms with other themes and fields of the archipelago's history. I will, however, try to demonstrate this situation with some quantitative data, carrying out an exhaustive survey and a critical and interpretative analysis of the Madeiran historiography on the subject. Refusing any kind of vain polemics, we will start from the assumption that what defines Madeiran historiography is the insular spatiality of the historical objects present in the traditional or renewed fields of historical investigation.

Medicine and public health are part of a nowadays quite broad field called health sciences, even if both flow into social science fields such as sociology or anthropology of health, disease, and health professions. The option to maintain those two categories does not represent the exclusion of other sciences, but the admission, undoubtedly questionable, that those categories cover the essential of health sciences until, roughly, the end of the 19<sup>th</sup> century. As for medicine, this category also includes surgery, pharmacy, and nursing. As for the category public health, it calls for the possibility of identifying and tracing the development of knowledge, practices, technologies, institutions, and policies that came together over time. It should also be noted that the traditional histories of medicine and public health have been enriched in recent decades with the constitution of new objects which have shifted points of view: the history of illnesses, of the sick, of the marginalised and of the bodies.

Finally, based on a quantitative survey and a critical and interpretative analysis of the Madeiran historiography on medicine and public health, as well as based on my own ongoing research, I will seek to point out possible paths for continuity and renewal of approaches.

**Keywords:** Madeira Islands; History; Historiography; Medicine; Public Health.

## Introdução

«É verdadeiramente abundante a documentação sobre o hospital e a misericórdia do Funchal»<sup>2</sup>

José Pereira da Costa

As áreas de conhecimento e de práticas que se definem pelas noções de *medicina*, *saúde pública* ou *ciências da saúde*, que, à primeira vista, poderiam parecer campos bastante óbvios e de simples delimitação, revelam, na verdade, uma grande complexidade. As suas divisões e subdivisões são, hoje, muitas. São o resultado da espetacular especialização das disciplinas científicas desde o fim do século XIX e do conseqüente fenómeno de subespecialização: hoje, as ciências estão divididas e subdivididas numa diversidade de áreas específicas. No entanto, revelam também, por vezes, sobreposição e intersecção dos seus campos de conhecimento e de atuação. Não é por acaso que se fala tanto ultimamente de interdisciplinaridade, de integração dos saberes, de unificação da ciência, reações salutares à deriva de especialidades e especializações. Operou-se, também, historicamente, uma tradução curricular da ordem dos saberes. Os currículos universitários espelham uma cartografia do conhecimento e estão plasmados, por exemplo, nos cursos existentes atualmente em Portugal nas áreas da saúde e das ciências da vida<sup>3</sup>.

Ora, a delimitação dos objetos históricos, na história da ciência, não é uma simples transposição para o passado de uma cartografia do conhecimento do presente, embora a acompanhe. A história da medicina deixou já há muitos anos de ser apenas a história do pensamento médico, das teorias médicas, e, na verdade, tem-se desenvolvido não só como uma história das especialidades médicas e do conjunto das ciências da saúde, mas como uma história dos doentes e dos seus corpos, das doenças e dos fatores ambientais, das representações sociais do normal e do patológico. A história da medicina está também em estreita relação com a história da saúde pública, que da medicina se autonomizou, e que é uma noção que remete para a sociedade como um todo e não apenas para um conhecimento especializado acerca da saúde e da doença.

---

<sup>2</sup> COSTA, 1966, «Notas sobre o Hospital e a Misericórdia do Funchal», p. 94.

<sup>3</sup> Veja-se a oferta de cursos pela Direção-Geral do Ensino Superior e a sua subdivisão nas áreas das ciências da vida (*Direção-Geral do Ensino Superior*, disponível em <https://www.dges.gov.pt/guias/indarea.asp?area=42>) e da saúde (*Direção-Geral do Ensino Superior*, disponível em <https://www.dges.gov.pt/guias/indarea.asp?area=72>).

Uma definição ainda atualmente consensual acerca da saúde pública é a que foi cunhada na década de 1920, por Charles-Edward Amory Winslow (1877-1957), da Escola de Yale, embora seja uma noção cujos elementos estão já presentes desde o século XVIII.

«Public Health is the science and the art of preventing disease, prolonging life, and promoting physical health and efficiency through organized community efforts for the sanitation of the environment, the control of community infections, the education of the individual in principles of personal hygiene, the organization of medical and nursing service for the early diagnosis and preventive treatment of disease, and the development of the social machinery which will ensure to every individual in the community a standard of living adequate for the maintenance of health; organizing these benefits in such fashion as to enable every citizen to realize his birthright of health and longevity.»<sup>4</sup>

A definição, resumida, tem sido erradamente atribuída a Donald Acheson (1926-2010), embora muitas das suas ideias e contributos para a saúde pública estejam bastante alinhadas com a definição de Winslow<sup>5</sup>. Desde então, a saúde pública é uma preocupação de todos, ou de quase todos; é um valor, uma coordenada civilizacional e um critério de atuação dos Estados e do poder sobre a população, sobre os corpos, sobre os nossos corpos.

Esta dimensão social ou sociológica da saúde pode ter contribuído para o facto de as tradicionais histórias da medicina e da saúde pública terem sido enriquecidas nas últimas décadas com a constituição de novos objetos que deslocaram pontos de vista e abordagens que estavam muito centrados nas teorias, nas instituições e na regulação normativa: têm emergido, há já alguns anos, abordagens que discutem a história das doenças e dos doentes, dos marginalizados e dos corpos, do ambiente e do clima.

A imagem de um deserto, embora impressionante, advém da constatação, em contraste com outros campos, da situação historiográfica madeirense sobre todos estes temas em causa. Como se constatará adiante, desde o início do século XX têm aparecido textos esparsos sobre o assunto, mas que não constituem um corpo sólido de escritos, no sentido em que não se pode identificar alguma continuidade ou correlação de abordagens. A produção historiográfica mais recente, dos últimos trinta ou quarenta anos, pode matizar a imagem sugerida de um deserto historiográfico, embora a imagem tenha como principal objetivo chamar a atenção não só para

---

<sup>4</sup> Cf. WINSLOW, 1920, «The Untilled Fields of Public Health», p. 30.

<sup>5</sup> Tanto num artigo de 1988 quanto no famoso *Report* de 1998, Acheson não utiliza a definição que lhe é normalmente atribuída: cf. ACHESON, 1988, «On the state of the public health [The fourth Duncan lecture]» e ACHESON, 1998, *Independent Inquiry into Inequalities in Health. Report*.

o número reduzido de textos por comparação a outras áreas, mas também para a segmentação e desarticulação dos enfoques. Este ponto não é despiciendo: embora alguns levantamentos sejam factual e quantitativamente relevantes, não se inserem numa abordagem da história da medicina e da saúde pública que seja teoricamente relevante. São textos muito descritivos e factuais, consistindo num conjunto de dados recolhidos que, embora relevantes, ainda estão à espera de interpretações, problematizações e correlações.

Não é explicação suficiente para a ausência de estudos históricos produzidos a partir da Universidade da Madeira, ou de outras universidades e centros de investigação, o facto de o acervo do fundo da Escola Médico-Cirúrgica não possuir um grande volume documental quando comparado com outros fundos existentes no Arquivo e Biblioteca da Madeira<sup>6</sup>. Tão pouco o tema da medicina e da saúde pública é secundário ou periférico na historiografia, seja nacional ou estrangeira. Ainda se torna menos compreensível aquela ausência se levarmos em conta que os fundos do Governo Civil, da Santa Casa da Misericórdia e da Câmara Municipal do Funchal possuem mais do que suficiente documentação sobre o tema.

Portanto, uma outra explicação deve ser procurada para a ausência de estudos sobre a medicina e a saúde pública, pois outros temas e períodos da história regional e local têm produzido estudos diversos, porventura independentemente de a documentação ser mais ou menos volumosa. Por isso, é como um estímulo ao futuro da investigação na Madeira que a frase de Pereira da Costa em epígrafe assume todo o sentido e nos deve preparar para assumir a necessidade de perscrutar as causas daquela ausência e de lançar um olhar crítico e construtivo sobre a produção historiográfica acerca da história da medicina e da saúde pública na Madeira.

## **A Historiografia Madeirense e a História da Medicina na Madeira**

Uma história da medicina e da saúde pública na Madeira está por fazer. Talvez fosse mais preciso usar a designação *história das ciências da saúde*, que, como já referido, englobaria todas as ciências conexas. Acrescente-se uma história *a partir de baixo*<sup>7</sup>, ou seja, uma história das doenças e dos doentes, dos marginalizados e dos seus corpos. Sobretudo com esta abrangência, é uma história por fazer.

---

<sup>6</sup> Os índices descritivos dos fundos do Arquivo e Biblioteca da Madeira podem ser consultados em: *Direção-Geral do Arquivo e Biblioteca da Madeira*, disponível em <https://abm.madeira.gov.pt/instrumentos-de-descricao-documental/>.

<sup>7</sup> Cf. RIEDER, 2006, «L'histoire de la médecine «from below»: bilan et perspectives».

Porém, esta afirmação não retira qualquer valor aos levantamentos, estudos e escritos de cariz histórico que foram sendo produzidos ao longo de mais de um século sobre o tema. Pelo contrário, o valor documental de algumas dessas obras é inegável, embora seja fundamental operar uma crítica desassomburada das suas realizações e da sua textualidade.

Um exemplo significativo da ausência da medicina e da saúde pública na historiografia madeirense reside nas importantes reflexões sobre a Madeira, seja na sua dimensão historiográfica ou cultural, que pode ser comprovado com os vários enfoques do número temático de outubro de 2012 da *Newsletter do Centro de Estudos de História do Atlântico* cujo tema foi *História da Madeira – Questões e Problemas*<sup>8</sup>, bem como com as reflexões dos vários autores que integraram a obra *Cultura Madeirense. Temas e Problemas*<sup>9</sup>, ou ainda com os textos da secção «História da Madeira: Temas e Problemas» da obra *Que Saber(es) para o Século XXI? História, Cultura e Ciência na Madeira*<sup>10</sup>. Registe-se a completa ausência da medicina e da saúde pública nestas publicações. Fernando Jasmins Pereira<sup>11</sup>, Joel Serrão<sup>12</sup> e Alberto Vieira<sup>13</sup> também fizeram reflexões sobre a historiografia madeirense sem, no entanto, abordarem a temática. É de lamentar que também recentes debates sobre a historiografia açoriana tenham deixado entrever uma semelhante ausência dos temas em apreço<sup>14</sup>. Registe-se, por fim, o artigo de Isabel Braga, publicado na revista *Islenha*, que procurou analisar o desenvolvimento da história local e regional na Madeira e nos Açores<sup>15</sup>.

Uma tentativa de explicação para a ausência da medicina e da saúde pública na produção historiográfica regional pode correr o risco de ser altamente especulativa. No entanto, quanto a um contexto mais recente, ou seja, aquele que tem cerca de 40 anos, algumas explicações podem ser admitidas como plausíveis. Estas explicações ou causas poderiam residir em três pontos: um problema institucional e curricular do ensino superior no arquipélago e a conseqüente formação de especialistas, mais especificamente de especialistas em história moderna e contemporânea;

---

<sup>8</sup> Disponível em [https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/3925/1/Newsletter\\_15.pdf](https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/3925/1/Newsletter_15.pdf). Antes, em 2009, foram também produzidas algumas reflexões no âmbito da história das ilhas atlânticas no n.º 1, de 2009, do *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico*.

<sup>9</sup> FRANCO (ed.), 2008, *Cultura Madeirense. Temas e Problemas*.

<sup>10</sup> FRANCO e TRINDADE, 2014, *Que Saber(es) para o Século XXI? História, Cultura e Ciência na Madeira*.

<sup>11</sup> PEREIRA, 1991, *Estudos sobre a História da Madeira*.

<sup>12</sup> SERRÃO, 1992, *Temas Históricos Madeirenses*.

<sup>13</sup> As reflexões de Alberto Vieira sobre a historiografia madeirense estão dispersas por vários textos e mereceriam, por si só, um artigo próprio. Algumas dessas reflexões serão citadas mais adiante.

<sup>14</sup> O *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, n.º 26, de 2017, foi dedicado ao tema «A Historiografia Açoriana. Uma Perspetiva»: disponível em <https://nch.pt/boletim-do-nucleo-cultural-da-horta-n-o-26-2017-2/>.

<sup>15</sup> Cf. BRAGA, 2004, «Historiografia universitária sobre temáticas regionais insulares (1874-2000)».

um problema político e institucional de promoção, gestão e controle da investigação; um problema mais amplo de alheamento e desconhecimento do objeto *Madeira* pela historiografia nacional.

Quanto ao primeiro ponto, destaque-se a juventude da estrutura universitária, pois a Universidade da Madeira (UMA) só foi instituída em 1988. A situação nos anos de 1980, segundo Alberto Vieira, era esta: «A Madeira, prenhe em documentos, manteve-se num segundo plano [do avanço qualitativo da historiografia], mercê da falta de suporte institucional e académico»<sup>16</sup>. Em 1995, um mestrado em história foi instituído no Centro de Artes e Humanidades, tendo produzido algumas dissertações<sup>17</sup>. O Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais (CIERL) existe apenas desde 2007, promovendo desde 2009 um mestrado em Estudos Regionais e Locais que tem uma forte componente histórica. A Faculdade de Artes e Humanidades promove, desde 2016, um doutoramento em Ilhas Atlânticas – História, Património e Quadro Jurídico-Institucional, embora antes destas datas tenham sido defendidas algumas teses de doutoramento na UMA, ainda que nenhuma sobre a medicina e a saúde pública<sup>18</sup>. Portanto, a juventude da estrutura universitária e os condicionalismos à constituição de centros de investigação, cujo financiamento pelo Estado está sujeito a certas exigências, como a existência de um quadro de docentes doutorados e a avaliação por agências nacionais e europeias, aliados às decisões políticas e ideológicas que subjazem à constituição de qualquer *currículo*<sup>19</sup>, entendido num sentido mais amplo do que o de mero *programa*, poderá ser uma explicação para o alheamento dos temas da medicina e da saúde pública dos interesses e das escolhas de todos os intervenientes nas teses e dissertações académicas produzidas.

Quanto ao segundo ponto, questões políticas e institucionais podem ter condicionado e, talvez, possam ainda condicionar a produção científica e a formação de investigadores na Madeira. Na sequência da autonomia político-administrativa conquistada com o 25 de Abril de 1974, o poder político na Madeira parecia empenhado em dar início a um processo de valorização do conhecimento histórico através da criação de instituições vocacionadas para tal:

---

<sup>16</sup> VIEIRA, 2001, «A Madeira na História de Portugal e do Atlântico», p. 77.

<sup>17</sup> Apesar de referências a provas de mestrado em história realizadas na Universidade da Madeira na página de internet sobre a sua história (disponível em <https://www.uma.pt/sobre/historia>), apenas foi possível encontrar no repositório da Universidade da Madeira sete dissertações aí realizadas até 2008 que se enquadram no campo da história (disponível em <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/3>).

<sup>18</sup> As teses de doutoramento defendidas na Universidade da Madeira: disponível em <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/2>.

<sup>19</sup> Cf. PACHECO, 2001, *Currículo: Teoria e Práxis*.

«Proceder-se-á, no âmbito do Centro de Apoio de Ciências Históricas, ao apoio a estudantes das extensões universitárias, com vista à recolha e seleção de elementos para estudo da história da Madeira, e será proposta a inclusão de rubricas regionais da matéria no programa curricular em todos os níveis de ensino existentes na Região»<sup>20</sup>.

Num momento em que as turbulências políticas do período pós-revolucionário ainda não tinham acalmado de todo, as expectativas eram altas e várias as diversas iniciativas de transformação da sociedade madeirense. Neste contexto, a produção de um catálogo bibliográfico madeirense foi um empreendimento marcante levado a cabo por esta nova estrutura e pelas pessoas que a compunham:

«Nascida do novo espírito, mas sentido e vivamente ilhéu, fortificou a ideia da criação do Centro de Apoio de Ciências Históricas, predominantemente virado para o desenvolvimento e difusão da história madeirense, com ênfase especial para a regionalização do ensino da história e apoio aos investigadores.»<sup>21</sup>

Não pretendendo fazer aqui a história ou a crónica do Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA)<sup>22</sup>, pode dizer-se que o Centro de Apoio de Ciências Históricas foi o precursor daquela estrutura, que é uma instituição vocacionada para o estudo da história e da cultura madeirense, criada em 1985, três anos antes da Universidade da Madeira, porque «a investigação e estudo da história das ilhas atlânticas necessita de estrutura de apoio para a prossecução dos seus objetivos»<sup>23</sup>. Não deixa de ser significativo que a direção do CEHA foi, no seu início, entregue a académicos como o historiador Luís de Albuquerque (1917-1992), que foi auxiliado pelo também historiador, e madeirense, Joel Serrão (1919-2008), e pelo açoriano José Pereira da Costa (1922-2010)<sup>24</sup>, que foi diretor da Torre do Tombo entre 1966 e 1988. Estes homens sucederam-se à frente da instituição até que, em 2008, a presidência passou para outro historiador, Alberto Vieira (1956-2019), entretanto falecido.

O antigo CEHA, bem como o atual CEHA-AV, é financiado diretamente pelo Governo Regional da Madeira, esteve sempre na dependência da Secretaria Regional do Turismo e está integrado atualmente na Direção Regional do Arquivo e Biblioteca

---

<sup>20</sup> *Diário da República*, série I, n.º 65, de 18.03.1980, p. 460. Em 1982, o Centro de Apoio de Ciências Históricas surge, no art.º 47.º, na dependência da Direção de Serviços dos Assuntos Culturais. Cf. *Diário da República*, série I, n.º 24, de 29.01.1982.

<sup>21</sup> VIEIRA e FREITAS, 1981, *Madeira. Investigação Bibliográfica*, vol. 1, p. 9.

<sup>22</sup> O Centro de Estudos de História do Atlântico foi renomeado, em 2019, em homenagem ao historiador e grande dinamizador do Centro, Alberto Vieira, então falecido, passando a chamar-se Centro de Estudos de História do Atlântico – Alberto Vieira (CEHA-AV).

<sup>23</sup> *Diário da República*, série I, n.º 214, de 17.09.1985, p. 3016.

<sup>24</sup> Cf. VIEIRA, 1995, *Guia de Investigação e História das Ilhas Atlânticas*.

da Madeira, desde que a nova orgânica foi instituída em 2020<sup>25</sup>. O CEHA teve sempre e o CEHA-AV continua a ter existência independente da tutela do ensino superior e das suas instituições de acreditação e de avaliação. Tanto a estrutura antiga como a renovada não mantêm qualquer protocolo de investigação com universidades nacionais ou estrangeiras para formação de investigadores e, conseqüentemente, para a concessão de grau, embora tenham existido protocolos de colaborações com instituições de ensino superior de Portugal continental, dos Açores e de Canárias no passado e exista atualmente um protocolo com a Universidade da Madeira. Como tal, a investigação produzida no CEHA, institucional e curricularmente independente da universidade e dos centros de investigação e desenvolvimento, pese embora uma política editorial relevante que tem apoiado a publicação de dissertações de mestrado e de teses de doutoramento que têm como objeto a Madeira, poderá ressentir-se da fiabilidade conferida pelos critérios de avaliação universalmente aceites pela comunidade científica, regulados nos diversos países por entidades independentes que, como a Fundação para a Ciência e Tecnologia, em Portugal, revê de quatro em quatro anos aqueles mesmos critérios. No entanto, as abordagens da historiografia madeirense não se limitam à produção académica com origem nas publicações do CEHA e do CEHA-AV, posto que teses de doutoramento e dissertações de mestrado têm sido desenvolvidas em universidades de Portugal continental e dos Açores<sup>26</sup>, para além do facto de que outras obras são editadas sem que a sua origem seja uma dissertação ou tese.

Quanto ao terceiro ponto, importa frisar que, embora já tenha sido identificado um certo alheamento e desconhecimento acerca do objeto *Madeira* pela historiografia nacional<sup>27</sup>, o que aqui nos ocupa é apenas o tema da medicina e da saúde

---

<sup>25</sup> *Diário da República*, n.º 13, Série I, de 20.01.2020 e *Diário da República*, n.º 82, série I, de 27.04.2020. Estas alíneas do último decreto regulamentar citado definem e atualizam a missão do CEHA-AV na nova orgânica: «w) Promover e produzir investigação científica sobre a história da Região no quadro do espaço atlântico; x) Promover colóquios e encontros científicos sobre temáticas associadas à história, cultura e património insulares; y) Realizar atividade editorial no âmbito da divulgação do património documental de que é depositária e das atividades de investigação científica desenvolvida no domínio da história insular»

<sup>26</sup> Na plataforma de Registo Nacional de Teses e Dissertações (disponível em <https://renates2.dgeec.mec.pt/>), da Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência, é possível quantificar as dissertações e teses produzidas no âmbito das diversas áreas académicas que têm a Madeira como objeto e, em particular, no campo da história e no âmbito do tema que este artigo trata.

<sup>27</sup> Cf. artigo de Paulo Miguel Rodrigues nesta mesma revista: «Da (Ausência da) Madeira na Historiografia Portuguesa: O Caso dos Séculos XIX e XX. Uma Perspectiva».

pública. Quanto a estes temas, a ausência é praticamente total: as grandes sínteses de história da medicina, desde o início do século XX, ignoram a Madeira e os Açores<sup>28</sup>. Sendo esta uma questão particular no bojo de uma outra mais ampla, é importante vincar que os dois primeiros elementos explicativos avançados não conseguiram contrariar o elemento geral, nem o particular.

A produção historiográfica madeirense tem incidido, como é compreensível, sobre a época moderna, em áreas ou temas consagrados como as navegações e a geopolítica no Atlântico, o apogeu da cultura e da riqueza produzidas pela exploração da cana sacarina, a história económica e social<sup>29</sup>, a história militar, a história religiosa, a história da arte, sobretudo da arte sacra de origem ou influência flamenga. Curiosamente, a tradicional história política e institucional tem estado arredada dos interesses dos historiadores, na opinião de Madalena Trigo:

«São escassas as dissertações de mestrado, doutoramento e de investigação realizadas no decurso dos últimos 23 anos que abordam, parcial ou integralmente, a história institucional e política da Madeira. Com efeito, trata-se de uma temática que não tem estado, de uma maneira representativa, nas escolhas de académicos e investigadores. Talvez por ser um terreno ainda pouco conhecido e com fundos documentais que se revelam, por vezes, de difícil leitura e interpretação.»<sup>30</sup>

Em relação aos séculos XVIII, XIX e XX, existe um acentuado défice de produção historiográfica. O historiador Paulo Miguel Rodrigues afirmou, há já mais de dez anos, que a história da Madeira no século XIX

«está quase toda por fazer, e, do pouco que existe, a maior parte revela-se superficial, enquanto, em relação à restante, ou permanece na penumbra ou, pelo contrário, uma parte substancial dos seus conteúdos é questionável.»<sup>31</sup>

Outro historiador madeirense, Rui Carita, na sua monumental *História da Madeira*, expressou opinião semelhante: «O século XIX deve ser o menos estudado

---

<sup>28</sup> O médico e historiador da medicina, Augusto da Silva Carvalho, fez algumas breves referências sobre a lepra na Madeira e José Manuel Azevedo e Silva incluiu na sua tese de doutoramento um capítulo intitulado «A Saúde e a Organização da Assistência Médico-Social»: cf. CARVALHO, 1932, *História da Lepra em Portugal*; e SILVA, 1995, *A Madeira e a construção do mundo atlântico (séculos XV-XVII)*, vol. 2.

<sup>29</sup> Sobre o tema, veja-se o excelente levantamento até 2008: cf. SANTOS, 2009, «A História Económica e Social do Arquipélago da Madeira no Recente Panorama Historiográfico (1985-2008): Uma Resenha Bibliográfica».

<sup>30</sup> SOUSA, 2009, «A história institucional e política na historiografia madeirense (1985-2008)», p. 317.

<sup>31</sup> RODRIGUES, 2008, *A Madeira entre 1820 e 1842: relações de poder e influência britânica*, p. 23.

de toda a História da Madeira»<sup>32</sup>. Se estas afirmações são válidas para a história económica, social e política, ainda mais o são para uma história das ciências da saúde.

O historiador Alberto Vieira, em 1995, foi ainda mais longe, estendendo a crítica a toda a historiografia madeirense e às suas estruturas de apoio:

«Se excluirmos algumas iniciativas avulsas de um ou outro investigador madeirense, quase podemos dizer que a historiografia madeirense estagnou desde a década de 70, faltando organismos competentes para apoiar a investigação histórica e revistas da especialidade que divulguem essas pesquisas. [...] é certo que se criou o Centro de Apoio de Ciências Históricas, mas é igualmente certo que a historiografia madeirense pouco ou nada lucrou até ao momento com toda esta animação aparente do conhecimento histórico. Poucos foram os estudos publicados e poucos são os licenciados em história ou eruditos que se dedicam à investigação da História Insulana. Mais uma vez a investigação histórica mantém-se adiada por falta de estruturas competentes para o seu incentivo, por falta de um roteiro competente das fontes da História Insulana e, finalmente pela incipiente organização e catalogação do arquivo regional.»<sup>33</sup>

De qualquer forma, crendo que ainda é possível conjecturar melhores explicações para o pouco interesse que o tema tem suscitado, torna-se, porém, imperioso analisar as poucas obras e autores que o abordaram, devendo isto ser norteado por uma rigorosa e desassomburada revisão que não reproduza alguns problemas do passado, pois é facto que Bandeira de Figueiredo foi dos poucos que fez a crítica, todavia breve, dos que o antecederam, discutindo as fontes documentais, ampliando perspectivas, avançando novas conclusões. Portanto, à ausência temática anteriormente identificada vem somar-se a ausência de crítica historiográfica, facto que é uma constatação também por demais evidente. Não pode haver uma continuidade historiográfica sobre um tema se os autores não se referem uns aos outros, ou melhor, se esta referencialização é isenta de crítica e da discussão de problemas teóricos e metodológicos que a investigação encontra. A revisão agora apresentada não poderá cobrir completamente esta lacuna porque a crítica e a problematização requerem uma abordagem específica das muitas questões parcelares. Portanto, apenas um ou outro aspeto será discutido e ainda assim brevemente. A abordagem será feita por ordem cronológica das obras e dos autores que se ocuparam da história da medicina e da saúde pública na Madeira e, mais especificamente, da história da Escola Médico-Cirúrgica do Funchal ou do hospital de Santa Isabel.

---

<sup>32</sup> CARITA, 2008, *História da Madeira. O longo século XIX: do Liberalismo à República. A Monarquia Constitucional (1834-1910)*, p. 15.

<sup>33</sup> VIEIRA, 1995, *Guia de Investigação e História das Ilhas Atlânticas*, p. 69.

## Levantamento do Tema em Publicações Periódicas

O levantamento e a quantificação de artigos nas publicações periódicas mais relevantes do arquipélago são indicadores que permitem perspetivar e discutir o tema tratado, embora não sejam os únicos. Refira-se que para este levantamento e quantificação foi utilizado um critério bastante amplo de referência ao tema *medicina e saúde pública*, o que torna os resultados ainda mais significativos.

A revista *Arquivo Histórico da Madeira*, a mais antiga revista histórica e cultural da Região Autónoma da Madeira, criada em 1931, publicou apenas cinco artigos sobre o tema<sup>34</sup>, até à sua renovada edição em 2019. Na revista *Das Artes e da História da Madeira*, fundada e dirigida por Luiz Peter Clode e ligada à extinta Sociedade de Concertos da Madeira, foi publicada entre 1949 e 1971, tendo saído neste primeiro ano ainda como suplemento de *O Jornal*. É somente possível destacar nos seus 41 números cinco textos relativos ao assunto em apreço<sup>35</sup>. A prestigiada revista *Islenha* também prova a dupla afirmação acerca da diversidade de estudos sobre temas históricos madeirenses e da ausência de textos relacionados à medicina e à saúde pública: em 69 números, os artigos sobre o tema são apenas sete<sup>36</sup>. A revista *Origens*, editada pela Câmara Municipal de Santa Cruz, nos seus 22 números publicados entre 1999 e 2010, apresenta cinco artigos de um mesmo autor<sup>37</sup>. A busca realizada nas revistas *Bocagiana*<sup>38</sup>, *Atlântico*<sup>39</sup>, *Ilharq*, *Girão*, *Xarabanda* e *Margem* devolveram resultados

---

<sup>34</sup> Cf. NASCIMENTO, 1932, «Alunos da Aula Médico-Cirúrgica»; NASCIMENTO, 1932, «Relatório do Dr. Luis Henriques sobre os melhoramentos a introduzir no Hospital de Santa Isabel»; NASCIMENTO, 1933, «De Rebus Pluribus. Manuscritos da Escola Médica»; NASCIMENTO, 1949, «O Hospital velho do Funchal»; COSTA, 1966, «Notas sobre o Hospital e a Misericórdia do Funchal».

<sup>35</sup> VELOZA, 1949, «Hospital para tuberculosos no sítio da Casa Branca, S. Martinho»; MAIA, 1951, «Madeirenses Ilustres na Medicina. I – Doutor João Augusto Teixeira»; HENRIQUES, 1971, «O Hospício da Princesa D. Maria Amélia»; CLODE, 1971, «Escola Médico-Cirúrgica do Funchal».

<sup>36</sup> Cf. HAUSEN, 1990, «Paul Langerhans and the islands»; VERÍSSIMO, 1990, «A Questão dos Sanatórios da Madeira»; WILHELM, 1993, «A Madeira entre 1850 e 1900: uma estância de tísicos germânicos»; RIBEIRO, 2001, «Quando os médicos receitavam vinho às mulheres»; MATOS, 2012, «O Hospício da Princesa D. Maria Amélia – O Primeiro Sanatório Português»; COSTA, 2014, «O Sanatório João de Almada e o Armamento Anti-Tuberculoso em Portugal (1934)»; FERNANDES, 2018, «João Nepomuceno de Freitas (1877-1953): das trincheiras da Flandres à gestão dos hospitais civis de Lisboa».

<sup>37</sup> WILHELM, 1999, «Agostinho José Leopoldo Trogher (1810-1858): médicos estrangeiros na Madeira I»; WILHELM, 2000, «Carlos Guilherme Emílio Kampher (1803-1846): médicos estrangeiros na Madeira II»; WILHELM, 2001, «A família suíço-madeirense Bühler: médicos estrangeiros na Madeira III»; WILHELM, 2008, «Georg Frank Pfendler d’Ottensheim (1799-): médicos estrangeiros na Madeira IV (1847-1848)»; WILHELM, 2009, «Walter Emanuel Alexander-Katz (1907-1994): médicos estrangeiros na Madeira V (1937-1945)».

<sup>38</sup> WILHELM, 1998, «Trabalhos de Meteorólogos e Climatólogos Germânicos sobre a Madeira (1815-1915)».

<sup>39</sup> Cf. WILHELM, 1987, «Na Madeira há 125 anos. Observações dum médico de tuberculosos alemão».

tão ou mais modestos ou mesmo nenhuns. É de realçar a revista *Açores-Madeira* que, no seu número de 1953, listou uma série de alunos da Escola Médico-Cirúrgica do Funchal que exerceram a clínica nos Açores<sup>40</sup>. Infelizmente, este levantamento não suscitou, posteriormente, qualquer outro ou qualquer investigação.

Os artigos de Pereira da Costa, Cabral do Nascimento, Nelson Veríssimo e Axel Wilhelm serão discutidos mais adiante. Quanto aos outros, possuem, em geral, a característica comum de serem textos onde os elementos principais são biográficos<sup>41</sup> e factuais, ou, dito de outro modo, os artigos não procuram problematizar e construir explicações para as diversas questões que orbitam à volta do tema da medicina e da saúde pública, tão pouco discutem as fontes ou conceitos que permitem a construção de uma narrativa histórica rigorosa, limitando-se a fornecer informação pontuais, ainda que relevantes. Uma exceção, pelo aspeto negativo, é o artigo de Ezequiel Veloza, que não deveria figurar em bibliografias da historiografia sobre o tema, ou antes figurasse apenas como fonte secundária: em uma única página, o autor fez afirmações vagas e juízos de valor, não acrescentou absolutamente nada ao tema e não forneceu qualquer indicação documental que permitisse conhecer o que ele se propôs narrar<sup>42</sup>.

A opinião expressa anteriormente poderia ser contraposta argumentando, por exemplo, como o fez Alberto Vieira, contra o papel vigilante da comunidade científica ou contra o papel certificador das instituições de ensino superior:

«Abriram-se novos caminhos para a investigação histórica e democratizou-se a escrita da mesma, que deixou de pertencer a um grupo restrito de iluminados ou historiadores. [...] A formação académica de alguns dos agentes da escrita da História permitiu sem dúvida avanços significativos no tratamento e na forma de divulgação da História da Madeira, mas não pode de modo algum definir para esses encartados o monopólio do conhecimento.»<sup>43</sup>

---

<sup>40</sup> Cf. COSTA, 1953, «Onze médicos madeirenses em São Miguel, nos últimos 50 anos».

<sup>41</sup> O artigo de Björn M. Hausen sobre o eminente patologista celular Paul Langerhans dará origem a uma excelente monografia biográfica: cf. HAUSEN, 2015, *As "Ilhas" de Paul Langerhans. Uma biografia em fotos e documentos*.

<sup>42</sup> O autor pretendeu caracterizar uma «propaganda», «por volta do ano de 1866», contra os benefícios para a saúde do clima da Madeira e contra outras características da vida na ilha, sem nunca nomear pessoas, jornais, revistas ou obras. Por fim, referiu que a escolha do local para a «sucursal» do Brompton Hospital, hospital britânico para tuberculosos que enviou 20 doentes para o Funchal entre novembro de 1865 e maio de 1866, tinha sido «infeliz» e, como tal, «os facultativos do estabelecimento em questão, [transferiram] os doentes do local, que ignoramos onde tivesse sido, para outro – no sítio da Casa Branca, São Martinho». Cf. VELOZA, 1949, «Hospital para tuberculosos no sítio da Casa Branca, S. Martinho», p. 341.

<sup>43</sup> PETIT, 2009, *A Madeira na Primeira Metade de Setecentos*, p. 10, prefácio de Alberto Vieira. A mesma opinião foi expressa em 1995: cf. VIEIRA, 1995, *Guia de Investigação e História das Ilhas Atlânticas*, pp. 12-13.

Não é esse o meu entendimento, sobretudo pelos riscos que, nos últimos anos, têm revelado certas posições anti-intelectualistas, marcadas por aporias e falácias, na defesa de um mundo da pós-verdade, de desqualificação e desacreditação do conhecimento científico e das instituições que o promovem. No caso da história, nas sociedades abertas e livres, se há liberdade para que qualquer um, ou qualquer grupo, produza discursos sobre o passado, não se deve confundir estes discursos com a história como é praticada por historiadores de profissão, enquadrados por instituições que configuram uma comunidade científica, com as suas publicações especializadas revistas por pares. Portanto, adiro a uma conceção de história que não a entende como uma narrativa de ficção. Entendo que ela é uma ciência social e humana porque constrói narrativas rigorosas e críticas sobre o passado. É apanágio da história, como ciência social e humana, o rigor dos procedimentos, a clareza e o valor heurístico dos métodos, a argumentação solidamente estruturada em evidências ou em inferências atentas às falácias argumentativas e abertas à discussão, a crítica fundamentada dos documentos e, sobretudo, a crítica fundamentada dos conceitos com que a nossa cognição do passado opera para construir um conhecimento rigoroso. A história não é apenas mais um discurso sobre o passado, ela não é apenas memória: a história é uma ciência social e humana porque faz a crítica das ideologias – até mesmo as do próprio historiador. As ideias políticas de um historiador podem e devem ser discutidas em contraste com as suas conclusões e enfoques. Por isso, como advertiu Fernando Catroga, reivindicar o estatuto de ciência social e humana para a história não deve cair no erro, muito comum no passado, da ilusão de um conhecimento completamente objetivo e desinteressado: «Só um cientismo ingénuo pode aceitar a existência de uma radical separação entre a retrospectiva da memória e a retrospectiva historiográfica»<sup>44</sup>. No entanto, a assunção desta relação intrínseca com a memória coletiva e o abandono da ingenuidade da objetividade absoluta não autoriza, nem legitima, que os poderes e os interesses de grupos instrumentalizem a história, algo que a crítica dos procedimentos, dos conceitos e dos pressupostos poderia prevenir, no contexto do debate público pela comunidade científica.

### ***Elucidário Madeirense***

A obra enciclopédica *Elucidário Madeirense*, coordenada pelo P.<sup>e</sup> Fernando Augusto da Silva (1863-1949) em coautoria com Carlos Azevedo de Meneses

---

<sup>44</sup> CATROGA, 2015, *Memória, História e Historiografia*, p. 39.

(1863-1928), editada em 1921, no contexto das comemorações do 5.º Centenário do Descobrimento da Madeira, é um marco dos estudos históricos madeirenses e um repositório de uma diversidade de informações sobre o arquipélago. No entanto, os temas relacionados com a medicina e a saúde pública ocupam um número diminuto de verbetes. Excluindo os verbetes de tipo biográfico, os que estão relacionados ao tema em apreço são os seguintes: «Clima», «Cólera-morbus em 1856 e 1910», «Doenças», «Epidemias», «Escola Médico-Cirúrgica», «Hospício da Princesa D. Amélia», «Hospital de São Lázaro», «Hospital dos Marmeleiros», «Hospital Militar», «Hospital Velho», «Lazareto», «Manicómios», «Medicina campestre», «Misericórdias», «Peste», «Peste bubónica», «Posto de desinfeção do Campo da Barca», «Posto médico municipal», «Posto meteorológico», «Sanatórios da Madeira» e «Vacina».

É de realçar, no verbete «clima», com quase cinco mil palavras, não só a preocupação em refutar a obra de John Abraham Mason<sup>45</sup> que deu origem à controvérsia sobre o clima da Madeira a meados do século XIX, como também o encadeamento de argumentos médicos para a defesa da terapêutica climatérica<sup>46</sup>.

Em relação à Escola Médico-Cirúrgica do Funchal, o *Elucidário* dedicou apenas algumas páginas, quase duas mil palavras, sendo menos extenso do que o verbete «Manicómios», com quatro mil palavras, ou do que o do «Hospício da Princesa D. Maria Amélia», com quase três mil palavras, embora ambos contenham muito pouco sobre os respetivos hospitais ou sobre a cura e tratamento da doença mental e da tuberculose.

É certo que há entradas que versam sobre personalidades e acontecimentos ligados à Escola Médico-Cirúrgica do Funchal, mas não se assumem suficientes para complementar o verbete sobre a Escola ou carecem de interligação.

As entradas «Cólera-morbus em 1856 e 1910», «Doenças» e «Epidemias», contabilizam três mil palavras e, apesar de modestas, fornecem algumas indicações factuais relevantes, porém de difícil rastreamento por quem as queira investigar e verificar.

Os verbetes «Hospital Militar», «Hospital dos Lázaros» e «Hospital Velho» são muito modestos. A entrada «Hospital de Santa Isabel» remete para «Hospital dos Marmeleiros», que também é breve (cerca de 600 palavras) e que, por sua vez,

---

<sup>45</sup> Cf. KNOWLES, 1850, *A Treatise on the Climate and Meteorology of Madeira*. A obra de John Abraham Mason, escrita na Madeira entre 1834 e 1836, foi editada postumamente por James Sheridan Knowles junto com dois outros títulos.

<sup>46</sup> Não foi possível identificar o autor do verbete do *Elucidário*, que terá sido provavelmente um médico e com conhecimentos relacionados à terapêutica da tuberculose.

remete para «Misericórdias»: um verbete substancialmente maior do que todos os anteriormente citados (mais de seis mil palavras), que incide sobretudo no aspeto institucional e que é claramente revelador da importância que os autores davam ao papel assistencialista, passado e presente, da Misericórdia do Funchal, sem, no entanto, fornecer informações relevantes sobre o hospital.

Talvez a abordagem sucinta dos temas espelhasse os objetivos que os autores tinham traçado, pois aquele dicionário enciclopédico, desde o seu início em 1917, pretendia não apenas satisfazer

«às necessidades das classes populares, para as quais era especialmente destinado, mas que também fosse de proveitosa consulta para as pessoas cultas, indicando as mais copiosas e autorizadas fontes a que devem recorrer os que desejarem alcançar notícia mais completa»<sup>47</sup>.

A dimensão de vulgarização de conhecimentos gerais sobre a Madeira cumpria um desígnio de educação popular e de valorização identitária pela perpetuação da memória. Os autores estavam imbuídos de uma conceção de história que parecia oscilar entre uma reação à factualidade positivista da chamada escola da história metódica<sup>48</sup>, eminentemente política, e o apelo à necessidade de construção de grandes sínteses históricas e filosóficas de cariz nacionalista e identitário, como o ambiente cultural e intelectual do período entre as duas grandes guerras e o ambiente insular autonomista propiciavam. No verbete «História Madeirense», os autores expressaram assim as suas ideias:

«Para a história deste arquipélago existem muitos materiais dispersos, carreados por alguns pacientes investigadores, mas ainda não apareceu o arquiteto e o construtor do edifício. Um consciencioso estudo sobre a Madeira, que se não restrinja apenas a uma enumeração fastidiosa de nomes e datas, está inteiramente por fazer. Queremos referir-nos a um moderno trabalho de crítica histórica, em que as ideias do tempo, os costumes, os indivíduos, o ambiente em que se desenrolaram os acontecimentos, etc., sejam apresentados numa brilhante e evocadora síntese, dando-nos num rápido conjunto a visão completa de toda a vida madeirense no período largo de cinco séculos.»<sup>49</sup>

Talvez a consciência das limitações que o projeto do *Elucidário Madeirense* comportava, pese embora o enorme esforço de coligir um vasto conjunto de informações, num contexto social, política e economicamente difíceis, explique o facto de um dos autores, Fernando Augusto da Silva, ter pretendido dedicar uma obra

---

<sup>47</sup> SILVA e MENESES, 1998, *Elucidário Madeirense (fac-símile da edição de 1940-1946)*, vol. 1, p. X.

<sup>48</sup> Cf. BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé, 1983, *Les écoles historiques*.

<sup>49</sup> SILVA e MENESES, 1998, *Elucidário Madeirense (fac-símile da edição de 1940-1946)*, vol. 2, pp. 124-125.

exclusivamente à Escola Médico-Cirúrgica, como o fez. Porém, antes da abordagem desta obra, seguindo um plano de exposição cronológica, é preciso referir outros contributos.

## **João Cabral do Nascimento**

João Cabral do Nascimento (1897-1978), poeta, escritor, ensaísta, tradutor e agente cultural madeirense, foi uma figura de relevo da cultura nacional no século XX. Não sendo historiador de formação – cursou direito em Lisboa –, para além do interesse diletante, foi, de facto, historiador de profissão: em 1930 foi patrocinado pela Junta de Educação Nacional para, em Lisboa, realizar investigações em bibliotecas e arquivos sobre a história da Madeira<sup>50</sup>. Escreveu e publicou vários artigos sobre a história insular e foi conduzido ao cargo de diretor do Arquivo Distrital do Funchal, onde deu início à publicação do *Arquivo Histórico da Madeira*. Infelizmente, de entre os seus inúmeros escritos neste periódico da instituição, existem apenas três breves referências à Escola Médico-Cirúrgica do Funchal e à medicina: em 1932, no texto «Alunos da Aula Médico-Cirúrgica»<sup>51</sup>, fez a transcrição e publicação de um documento inédito, não lhe tendo sido suscitado qualquer tipo de consideração ou estudo. Neste mesmo ano, transcreveu e publicou um documento da autoria de Luís Henriques, também sem qualquer estudo ou crítica<sup>52</sup>. Em 1933, uma pequena nota explicava o itinerário do fundo documental da Escola-Médico Cirúrgica do Funchal para Lisboa e daí de volta ao Funchal<sup>53</sup>. Vale a pena relatar um pouco deste acontecimento, já que, curiosamente, o fundo da Escola Médico-Cirúrgica corria o risco de ter desaparecido.

Nos anos de 1930, quando Cabral do Nascimento, à frente do antigo Arquivo Distrital do Funchal, começou um processo de recolha de documentação sobre a história da Madeira, em Lisboa, primeiro, e, depois, em instituições e até junto de particulares madeirenses, gerou-se alguma conflituosidade, sobretudo com responsáveis da Igreja Católica, nomeadamente com o cônego António Homem de Gouveia (1869-1961), com quem Cabral do Nascimento manteve uma interessante

---

<sup>50</sup> Cf. SALGUEIRO, 2015, «Introdução».

<sup>51</sup> NASCIMENTO, 1932, «Alunos da Aula Médico-Cirúrgica».

<sup>52</sup> NASCIMENTO, 1932, «Relatório do Dr. Luis Henriques sobre os melhoramentos a introduzir no Hospital de Santa Isabel».

<sup>53</sup> Cf. NASCIMENTO, 1933, «De Rebus Pluribus. Manuscritos da Escola Médica».

polémica nos jornais da ilha em 1934<sup>54</sup>. Aquela conflituosidade, e a decorrente dificuldade em fazer as incorporações da documentação no Arquivo Distrital, incidira sobretudo no tocante aos registos paroquiais, algo que não fora estranho a processos semelhantes no continente. O historial do processo e o papel de Cabral do Nascimento foi documentalmente descrito por Laureano Macedo<sup>55</sup>. Naquele contexto de polémica pública, as relações entre a direção do Arquivo e a Santa Casa da Misericórdia do Funchal, cujos membros eram também elementos da Diocese, tornaram-se também conflituosas e, como retaliação à incorporação e publicação do Tombo e Arquivo da Misericórdia, a Santa Casa remeteu o fundo da Escola Médico-Cirúrgica à Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos, em Lisboa. Como está bem documentado em ofícios entre o diretor da Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos e Cabral do Nascimento, os caixotes não iam acompanhados de qualquer guia ou inventário e não obedeciam a qualquer ordem ou método<sup>56</sup>. Destes acontecimentos, a única referência pública que Cabral do Nascimento fez foi a seguinte:

«Foi preciso intervir a Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos, insistindo no mesmo sentido junto da Provedoria da Santa Casa, que, numa comovedora atitude de dignidade ofendida, resolveu despachar tudo aquilo para Lisboa, expondo os manuscritos aos perigos e incómodos duma viagem marítima e obrigando assim a Inspeção Geral a no-los recambiar na volta do correio. Felizmente que os papéis apenas sofreram... o enjoo.»<sup>57</sup>

Portanto, tudo leva a crer que toda a documentação existente, embora sem grande dimensão, se salvara na altura dos acontecimentos. Resta a dúvida, e a esperança, de que, talvez, um ou outro documento, antes da partida para Lisboa, possa ainda subsistir algures junto de outra documentação da própria Santa Casa da Misericórdia.

## **O P.º Fernando Augusto da Silva e a Escola Médico-Cirúrgica do Funchal**

Na sequência do que ficou dito, é ainda um ponto controverso e por esclarecer se a relação entre Cabral do Nascimento e o P.º Fernando Augusto da Silva influenciou,

---

<sup>54</sup> SALGUEIRO, 2020, «Nascimento, João Cabral do».

<sup>55</sup> MACEDO, 2012, *Coleção de correspondência oficial de João Cabral do Nascimento, Diretor do Arquivo Distrital do Funchal*.

<sup>56</sup> ANTT, Inspeção Superior das Bibliotecas e Arquivos, Incorporação no Arquivo Distrital do Funchal de uma remessa de documentos da Escola Médica do Funchal enviados à Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos pela Santa Casa da Misericórdia do Funchal, cx. 259, proc. 127.

<sup>57</sup> NASCIMENTO, 1933, «De Rebus Pluribus. Manuscritos da Escola Médica».

de alguma forma, na conservação e exploração do fundo documental da escola. O certo é que o principal autor e coordenador do *Elucidário* publicou, em 1945, já com a idade de 78 anos, a obra *A Antiga Escola Médico-Cirúrgica do Funchal: Breve Monografia Histórica*. Esta obra colige e articula algumas das entradas do *Elucidário* sobre o tema, porém pouco as expande, em extensão ou em profundidade. Quase metade do texto são informações biográficas pontuais sobre os professores e alunos que julgou dignos de remarque. O texto possui pouco mais de 14 mil palavras, quase tantas quanto as que constam de entradas conexas no *Elucidário*. A obra foi escrita sem preocupações de rigor historiográfico quanto às referências legislativas ou quanto às fontes documentais, parecendo escrita num espírito contrário àquele que o autor enunciou na abertura do *Elucidário* e que já foi referido: a obra não indica «as mais copiosas e autorizadas fontes». O que mais surpreende é o facto de que Fernando Augusto da Silva não fez referência aos documentos do acervo da Escola Médico-Cirúrgica do Funchal existentes no Arquivo Distrital, à exceção do livro de atas do Conselho Escolar e do documento da Santa Casa da Misericórdia, já citado, sem se referir ao artigo de Cabral do Nascimento publicado no *Arquivo Histórico da Madeira* e que o transcreve. Esta *Breve Monografia* é sempre citada quando se quer fazer referências, poucas, diga-se, ao ensino médico-cirúrgico na Madeira. No entanto, é obra nunca criticada, pois nenhum autor até ao presente se dedicou a investigar a Escola Médico-Cirúrgica do Funchal, embora esteja o seu fundo constituído e organizado no Arquivo e Biblioteca da Madeira, algo que não se passa com a documentação das Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e do Porto, infelizmente ainda não organizadas arquivisticamente, e depositadas, respetivamente, na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, anexa ao hospital de Santa Maria, e no Museu de História da Medicina Maximiano Lemos, anexo ao hospital de São João, no Porto.

### **O P.<sup>e</sup> Eduardo Nunes Pereira e *As Ilhas de Zargo***

*As Ilhas de Zargo*, obra em dois volumes do P.<sup>e</sup> Eduardo Nunes Pereira (1887-1976) saída pela primeira vez em 1940 e reeditada por diversas vezes, é uma obra de tipo enciclopédico sobre vários aspetos da natureza e da cultura madeirenses. Sobre ela, disse o historiador José Manuel Azevedo e Silva, em 1995, que ainda não fora «superada por estudo estrutural e metodologicamente mais inovador e

historicamente mais robusto»<sup>58</sup>. Não podendo seguir esta opinião para os vários aspetos sobre os quais a obra incide, quanto à medicina e à saúde pública as realizações são muito modestas. No primeiro volume, no capítulo «Clima», o autor discute a superioridade das condições meteorológicas da Madeira seguindo reverencialmente a obra, então recentemente saída, de Hugo de Lacerda Castelo Branco<sup>59</sup>, aduzindo uma série de referências, desde o século XIX, de autores que glosaram os benefícios do clima da Madeira para a saúde, em forma de testemunhos abonatórios. No segundo volume, no subcapítulo «Assistências», não disfarça o seu alinhamento político e ideológico:

«Conquanto o clima benigno da Madeira e Porto Santo seja um dos mais saudáveis do mundo, não isenta a sua população do flagelo de doenças que por toda a parte afligem a humanidade. [...] Mas não é menos de considerar a importância da assistência político-social com que o Governo do Estado Novo procura restaurar integralmente a Nação na sua finalidade histórica e assiste direta e eficientemente à reconstituição da saúde económica, moral e rática da família portuguesa.»<sup>60</sup>

Após uma descrição apologética da assistência «sanitária e social», o autor discorre sobre o hospital da Santa Casa da Misericórdia sem avançar nada de novo quanto à sua história, passando-se o mesmo quanto às outras misericórdias e quanto à «roda dos enjeitados». Refere ainda a Casa de Saúde do Trapiche e Câmara Pestana, o hospício da Princesa D. Maria Amélia e o sanatório João de Almada.

## **Bandeira de Figueiredo**

Quase vinte anos passados sobre a breve monografia histórica do P.<sup>o</sup> Fernando Augusto da Silva, surgiu uma obra que se debruçava sobre a história da medicina na Madeira, e não apenas sobre a Escola Médico-Cirúrgica. O seu autor foi Artur António Ferraz da Bandeira de Figueiredo, natural de Tondela, médico formado na Universidade do Porto, em 1963, e cuja dissertação de conclusão de licenciatura tinha por título *Introdução à História Médica da Madeira*<sup>61</sup>. Apoiada com um subsídio da Junta Autónoma do Distrito do Funchal, cidade onde Bandeira de Figueiredo se casara, em 1960, com Maria Nize Teodomiro Camacho Fernandes, a obra foi publicada no Porto naquele mesmo ano.

---

<sup>58</sup> SILVA, 1995, *A Madeira e a construção do mundo atlântico (séculos XV-XVII)*, vol. 1, p. 11.

<sup>59</sup> Cf. BRANCO, 1936, *Le Climat de Madère. Ébauche d'une Étude Comparative*.

<sup>60</sup> PEREIRA, 1989, *Ilhas de Zargo*, vol. 2, pp. 292-293.

<sup>61</sup> UNIVERSIDADE DO PORTO, s.d., *Anuário. Ano Escolar de 1962-1963*, p. 126.

Bandeira de Figueiredo disse da sua obra sobre a história médica que eram apenas «escritos dispersos da história da Madeira – alicerces de um edifício ainda sem arquiteto que o erguesse», apenas um «esboço de sistematização»<sup>62</sup>. Uma leitura rápida, mas atenta, constatará a afirmação do autor, como também permitirá acreditar na sinceridade da sua modéstia. Médico de profissão, esta obra de Bandeira de Figueiredo é ainda o estudo de maior fôlego e profundidade sobre a história da medicina na Madeira e, no sentido abrangente e multissecular, o único. Infelizmente, o autor nunca mais se dedicou a assuntos históricos ou publicou sobre qualquer tema da história da medicina na Madeira, à exceção de um pequeno artigo que retoma resumidamente os temas da dissertação<sup>63</sup>. Também não parece ter deixado seguidores, no continente ou no arquipélago.

A sua introdução à história da medicina da Madeira está dividida em quatro capítulos e abrange desde o século XIV até 1910, ano da extinção da Escola Médico-Cirúrgica do Funchal, com relevo para os séculos XVIII e XIX, período onde a documentação é mais abundante. No prólogo, Bandeira de Figueiredo afirma que não existiu «efetivamente uma medicina madeirense», antes sim «factos e homens que lhe deram uma feição peculiar», característica essa, na sua opinião, marcada por elementos mesológicos e psicológicos que atuavam no contexto insular<sup>64</sup>. Para o recém-formado médico, a história, que albergaria uma espécie de filosofia existencial e antropológica, colocar-nos-ia «perante o problema do sentido da existência», e o seu estudo ajudar-nos-ia a compreender o homem em todas as suas dimensões, contribuindo «para a adoção de uma atitude menos materialista, neste tempo em que a técnica nos avassala com utópicas promessas de felicidade terrena.»<sup>65</sup> Pese embora a importância do estudo, não só pela sua extensão, mas também pela pretensão de abarcar cinco séculos de história, algumas observações críticas se impõem a fim de melhor o posicionar no horizonte historiográfico, sobretudo porque é uma das raras obras que procuram fazer uma reflexão crítica sobre as que a antecederam.

Em primeiro lugar, a marca distintiva de um trabalho histórico realizado por um médico. A crítica de Pedro Laín Entralgo à historiografia espanhola, dominada por médicos, aplicar-se-ia à historiografia portuguesa da época de Bandeira de Figueiredo: «el diletantismo irresponsable, el gremialismo y la actividad de los

---

<sup>62</sup> FIGUEIREDO, 1963, *Introdução à História Médica da Madeira*, p. 11.

<sup>63</sup> FIGUEIREDO, 1964, *Aspectos da Medicina na Madeira através dos tempos (separata de Anais Azevedos, n.º 15)*.

<sup>64</sup> FIGUEIREDO, 1963, *Introdução à História Médica da Madeira*, pp. 10-12.

<sup>65</sup> FIGUEIREDO, 1963, *Introdução à História Médica da Madeira*, p. 12.

profesionales jubilados»<sup>66</sup>. Bandeira de Figueiredo estava, todavia, longe da reforma, posto que a obra é uma dissertação de licenciatura em medicina, o que a torna ainda mais significativa, pois que Bandeira de Figueiredo não se propôs abordar, por exemplo, ou apenas o fez de modo pontual, uma questão histórica de nosologia ou nosografia, de clínica médica ou de terapêutica. Aqueles temas estão presentes, é certo, porém de forma esporádica e quase que meramente ilustrativa de uma narrativa histórica com indisfarçáveis elementos apologéticos. Sobre a tuberculose, por exemplo, há apenas uma breve referência à terapêutica descrita por António da Luz Pita no primeiro relatório que produziu sobre o então ainda provisório hospício da Princesa Dona Maria Amélia. Sobre o clima da Madeira e a climatologia, também uma fugaz passagem e a ausência de qualquer problematização sobre as antigas ideias acerca da climatoterapia. Sobre a epidemiologia e a história das epidemias, refere as de cólera de 1856 e 1910, sem nada acrescentar sobre o que já fora genericamente escrito, e algumas observações dispersas sobre outras enfermidades epidémicas ou endémicas. Outros exemplos poderiam ser aduzidos e que seriam ainda mais pontuais se recuássemos aos primeiros séculos do povoamento da Madeira. Uma exceção, que confirma a regra, foi o tratamento que o autor deu à obra publicada em 1761, *Carta crítica sobre o método curativo dos médicos funchalenses*, de Julião Fernandes da Silva, médico formado em Coimbra, embora a sua análise pareça exígua, tendo em conta o tamanho e a variedade de temas tratados na obra setecentista<sup>67</sup>.

Em segundo lugar, o carácter pouco sistemático da crítica das fontes: o recorrente recurso a fontes secundárias, por vezes não nomeadas; a inexistência de muitas das referências bibliográficas e documentais, ou mesmo a completa ausência de referências; o apoiar-se na autoridade do testemunho de certas personalidades e na tradição. É certo que o autor aduz algumas referências documentais valiosas, transcrições e reproduções de documentos pouco acessíveis, sobretudo do antigo Arquivo Distrital e do antigo Arquivo de Marinha e Ultramar, referências estas que, infelizmente, já não correspondem às cotas atuais, sobretudo as do Arquivo Histórico Ultramarino.

Por fim, em termos historiográficos, a obra de Bandeira de Figueiredo, embora com indubitáveis elementos de notável erudição, permanece num registo historiográfico marcado pelo preciosismo da curiosidade, pela sobrevalorização do evento, da data, do nome e da ação individual das grandes personagens, pela ausência de problematizações e hipóteses explicativas que ajudassem a compre-

---

<sup>66</sup> LAÍN ENTRALGO *apud* ESTEVA DE SAGRERA, 2004, «Historiadores versus merodeadores», p. 130.

<sup>67</sup> Cf. SILVA, 1761, *Carta crítica sobre o método curativo dos médicos funchalenses*.

ender o devir social e histórico. É impossível não evocar a esperança revelada pelo P.<sup>o</sup> Fernando Augusto da Silva na introdução do *Elucidário Madeirense* por uma história «que se não restrinja apenas a uma enumeração fastidiosa de nomes e datas». A obra de Bandeira de Figueiredo, pela sua erudição, pela tentativa de integrar épocas e temas, pela ambição e ousadia em abarcar cinco séculos de história ou pelo desafio e esforço a que obriga de busca, atualização e aferição das referências no texto, está muito longe de ser fastidiosa e não tem rival na historiografia madeirense.

### **José Pereira da Costa**

José Pereira da Costa (1922-2010), açoriano de nascimento e madeirense de adoção, fez da sua formação em filologia clássica o tirocínio de arquivista e historiador. Diretor do Arquivo Distrital do Funchal entre 1955 e 1966, foi também diretor do Arquivo Nacional da Torre do Tombo durante 22 anos, de 1966 a 1988. Deixou todo o seu espólio, em conjunto com o da sua esposa, Clara Pereira da Costa, ao Arquivo e Biblioteca da Madeira. O seu contributo para a memória e a história da Madeira, bem como o de Cabral do Nascimento, aguardam uma merecida monografia.

Apesar da sua grande atividade, mais uma vez, é de lamentar a exiguidade dos seus textos sobre o tema da medicina. Em 1966, publicou no *Arquivo Histórico da Madeira* um longo artigo sobre o hospital da Misericórdia, com quase 150 páginas, mas das quais quatro quintos são preciosas transcrições de documentos que vão dos séculos XV ao XIX<sup>68</sup>. Destes documentos, aquele que desperta maior interesse, no contexto desta investigação, e que poderia ter suscitado a José Pereira da Costa um estudo mais detalhado, é a descrição do hospital de Santa Isabel feita pelo médico-cirurgião José Joaquim de Freitas, formado pela Escola Médico-Cirúrgica do Funchal em 1870. Infelizmente, só em 1992 será possível encontrar um texto de José Pereira da Costa sobre temas médico-cirúrgicos e farmacêuticos e sobre a Escola Médico-Cirúrgica. O texto é um ensaio introdutório à publicação que serviu de catálogo à exposição organizada pela então Secretaria Regional de Turismo, Cultura e Emigração e pela Direção Regional dos Assuntos Culturais<sup>69</sup>. É um texto curto, de nove páginas, e em pouco mais de uma página José Pereira da Costa se ocupa dos séculos XVIII e XIX, de forma muito breve e sem nada acrescentar ao que

---

<sup>68</sup> COSTA, 1966, «Notas sobre o Hospital e a Misericórdia do Funchal», pp. 94-239.

<sup>69</sup> COSTA e SAINZ-TRUEVA, 1992, *Assistência médico-social na Madeira e a Escola Médico-Cirúrgica do Funchal*.

outros autores já haviam escrito sobre este período. No ano seguinte, um texto em quase tudo semelhante ao anterior saiu em publicação da Secretaria Regional dos Assuntos Sociais<sup>70</sup>. Aqui foi dado algum relevo ao contexto da criação do primeiro sanatório para tuberculosos em Portugal, fundado no Funchal, o hospício da Princesa D. Maria Amélia, e ao fenómeno do *turismo terapêutico*, nas suas palavras, «como sói dizer-se»<sup>71</sup>. Avançou alguns elementos curiosos e novos: as datas das tentativas de encerramento da escola antes do encerramento final, embora sem se alongar em explicações; referiu um livro de operações cirúrgicas dos alunos; forneceu algumas informações acerca da evolução dos cuidados médicos dos doentes mentais; noticiou a descoberta da biblioteca da escola, «que se reencontrou em 1963 na dependência do Palácio de S. Pedro, no chão a monte e em estado caótico» e que, segundo ele, «foi melhor arrumada em estantes e, em breve, vai ser catalogada», algo que, até ao momento, não se sabe se terá, de facto, acontecido. A leitura deste texto de José Pereira da Costa deixa no leitor a curiosidade para saber mais. Infelizmente, não parece ter despertado nos investigadores semelhante interesse.

## Alberto Vieira

Embora tenha assumido a direção do CEHA apenas em 2008, Alberto Vieira esteve quase desde sempre ligado a esta estrutura do Governo Regional da Madeira. A sua produção, variada, mas muito centrada na história económica, confunde-se um pouco com a do próprio centro que dirigiu até à sua morte em 2019. Quanto ao tema que nos ocupa, o seu principal contributo foi um artigo sobre a história do turismo<sup>72</sup>, pois um outro seu artigo sobre a assistência hospitalar aos escravos<sup>73</sup>, no meu entender, apenas problematiza a questão da escravatura e não a da medicina e da saúde pública.

No artigo sobre a história do turismo, Alberto Vieira sustentou que o fenómeno do turismo «afirmou-se de forma espontânea a partir do século XVIII»<sup>74</sup>, sem que se perceba o que isto quer dizer. No entanto, mais adiante, sustentou que «os ingleses foram pioneiros nas expedições científicas, como foram também os primeiros a descobrir as qualidades terapêuticas do clima e a deleitar-se com

---

<sup>70</sup> Cf. COSTA, 1993, *Assistência médico-social na Madeira (breve resenha histórica)*.

<sup>71</sup> COSTA, 1993, *Assistência médico-social na Madeira (breve resenha histórica)*, p. 23.

<sup>72</sup> Cf. VIEIRA, 2008, «A história do turismo na Madeira. Alguns dados para uma breve reflexão».

<sup>73</sup> Cf. VIEIRA, 2007, «Os escravos e a assistência hospitalar no Funchal: séculos XV-XVI».

<sup>74</sup> VIEIRA, 2008, «A história do turismo na Madeira. Alguns dados para uma breve reflexão», p. 95.

as paisagens»<sup>75</sup>. Na verdade, apesar de Alberto Vieira arrolar uma extensa lista de referências bibliográficas, desde o século XVII, sobretudo obras de médicos britânicos, não perspetivou, ou não se interessou por problematizar, o contexto específico do desenvolvimento das ideias médicas sobre o clima, e, em especial, sobre o clima da Madeira, mas sobretudo acerca da controvérsia que o envolveu<sup>76</sup>, assumindo, como uma evidência e sem o discutir, o conceito de *turismo terapêutico*. De facto, mesmo no campo da história do turismo, o texto não consegue sair de um registo apologético<sup>77</sup> e até mesmo prosélito<sup>78</sup>. Estes tipos de registos, sempre a vincar a precocidade ou a importância e a apelar para um certo utilitarismo, sem contraste com um quadro mais geral, na verdade cala ou esquece o extraordinário desenvolvimento turístico de várias estâncias de saúde<sup>79</sup>, na Europa, na bacia do Mediterrâneo e em Canárias, e o relativo fracasso e a relativa modéstia do destino madeirense quando comparado com aqueles. É duvidoso que um viés encomiástico possa trazer benefícios ao desenvolvimento da historiografia, para além de revelar os comprometimentos ideológicos dos historiadores. De facto, o próprio Alberto Vieira o denunciou:

«A segunda [data importante que marca a historiografia madeirense] com o Congresso do Mundo Português, alia-se à terceira, como a comemoração do cinquentenário da morte do Infante D. Henrique definiram uma corrente historiográfica marcadamente nacionalista, onde é comum um visionarismo pragmático do devir histórico, de acordo com determinado de ideologia oficiosa, uma exaltação patriótica do ideário nacional, da gesta dos descobrimentos, em detrimento da investigação e do uso correto das fontes. Toda ou quase toda a historiografia saída daqui trouxe entranhada a ideologia oficiosa, donde se destaca o desejo desesperado de defender o direito lusitana às possessões ultramarinas.»<sup>80</sup>

Mas também não é possível passar ao largo do facto de que Alberto Vieira é, a par de Cabral do Nascimento e Pereira da Costa, um dos grandes responsáveis pela

<sup>75</sup> VIEIRA, 2008, «A história do turismo na Madeira. Alguns dados para uma breve reflexão», p. 100.

<sup>76</sup> Cf. FERREIRA, 2018, «A controvérsia médica sobre o clima da Madeira no século XIX: translocalidade, epistemologia e história».

<sup>77</sup> «A Madeira firmou-se, partir da segunda metade do século dezoito, como uma das estâncias do turismo terapêutico. A ilha foi considerada por alguns como uma das principais estâncias de cura e convalescença da Europa». Cf. VIEIRA, 2008, «A história do turismo na Madeira. Alguns dados para uma breve reflexão», p. 110.

<sup>78</sup> «Temos que nos afirmar pela positiva, impondo no nosso entorno e fora dele aquilo que fomos. A História faz-se e afirma-se pelo discurso, com abertura à divulgação da informação e documentos que lhe dão suporte. A história do Turismo na Madeira pode e deve ser escrita de forma dourada e assumir um lugar de relevo nos anais do Turismo em geral». Cf. VIEIRA, 2008, «A história do turismo na Madeira. Alguns dados para uma breve reflexão», p. 96.

<sup>79</sup> Cf. JANKOVIC, 2010, *Confronting the Climate. British Airs and the Making of Environmental Medicine*.

<sup>80</sup> VIEIRA, 1995, *Guia de Investigação e História das Ilhas Atlânticas*, p. 64.

compilação de documentos e pela organização da bibliografia da história da Madeira, mas sobretudo pela sua divulgação para um grande público. Afinal, como ele mesmo o afirmou: «Em História quem não aparece, não existe e perde o lugar que de direito merece e lhe pertence.»<sup>81</sup>

## As Publicações do CEHA

Antes de passar a outros autores que escreveram direta ou indiretamente sobre o tema, seria importante referir algumas publicações do CEHA, ao menos para identificar as ausências que permanecem.

Nas duas últimas décadas do século XX, o CEHA promoveu três edições do *Colóquio Internacional de História da Madeira*<sup>82</sup> em 1986, 1989 e 1993, contando com a participação de numerosos e consagrados investigadores, nacionais e estrangeiros. A ausência do tema da medicina e da saúde pública é total.

De entre as dissertações de mestrado e teses de doutoramento publicadas, é de referir apenas a tese de José Manuel Azevedo e Silva que possui um capítulo intitulado «A Saúde e a Organização da Assistência Médico-Social», já brevemente referido. Neste capítulo, o autor pretendeu

«captar o quotidiano dos madeirenses, no período objeto do nosso estudo, a nível das necessidades básicas de alimentação, habitação, vestuário e condições sanitárias, bem como das doenças e dos meios humanos e materiais para as prevenir e combater.»<sup>83</sup>

É de realçar o levantamento feito nos livros das Vereações do Funchal a partir dos quais o autor fez uma lista de episódios epidémicos entre os séculos XV e XVII, bem como a quantificação, a partir do fundo da Santa Casa da Misericórdia do Funchal, depositado no então Arquivo Regional da Madeira, dos doentes internados no hospital da Misericórdia entre 1571 e 1700, quantificação que procurou comparar com uma realizada por Pereira da Costa, no seu artigo já citado. Quanto aos agentes sanitários, segue de perto os dados já recolhidos por Bandeira de Figueiredo. Como a preocupação do autor não é com a história da medicina ou da saúde pública, ainda que as informações exaradas sejam muito relevantes, permanecem desconetadas

---

<sup>81</sup> VIEIRA, 2008, «A história do turismo na Madeira. Alguns dados para uma breve reflexão», p. 96.

<sup>82</sup> As atas do primeiro colóquio só foram publicadas em 1989 e 1990, respetivamente, o primeiro e o segundo volumes: cf. AAVV, 1989, *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, vol. 1; AAVV, 1990, *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, vol. 2. Veja-se também: AAVV, 1990, *Actas do II Colóquio Internacional de História da Madeira*; e AAVV, 1993, *Actas. III Colóquio Internacional de História da Madeira*. Em rigor, só esta última obra é uma edição do CEHA.

<sup>83</sup> SILVA, 1995, *A Madeira e a construção do mundo atlântico (séculos XV-XVII)*, vol. 2, p. 719.

do contexto específico daquela historiografia, facto que é uma característica comum à maioria dos textos que têm sido analisados.

No próximo ponto, serão analisados alguns artigos de 2015 da publicação periódica do CEHA chamada *Anuário*. Refira-se ainda dois seminários promovidos no Funchal. Em 2005, o *Seminário Internacional sobre a História das Ciências e das Técnicas*, em que um artigo de Nélio Pão dá algumas indicações biobibliográficas importantes sobre médicos estrangeiros que escreveram sobre a Madeira<sup>84</sup>; e dois artigos de Alberto Vieira que apenas evocam breve e factualmente a relação entre clima, saúde e turismo<sup>85</sup>. Em 2010, no seminário *República e Republicanos na Madeira. 1880-1926*, o artigo de Fátima Freitas Gomes propunha-se atingir objetivos bastante amplos:

«que estruturas a cidade dispunha em matéria de saneamento, de acesso à água potável, de salubridade das habitações e de normas sanitárias individuais e coletivas; que práticas de prevenção e profilaxia; que relevo tinha a higiene industrial e do trabalho, a da saúde mental, e de outras doenças que pela sua natureza eram marginalizadas e escondidas e que exigiam medicinas de rigor; que protagonistas, que instituições procuraram dar respostas na saúde e na doença, na assistência a pobres e ricos, associando na intervenção os princípios de ordem religiosa, mas também de natureza cívica»<sup>86</sup>.

Como seria de esperar, pela exiguidade e pela forma de um artigo, estes objetivos ficaram bastante aquém de serem cumpridos, já que constituem um projeto de investigação propriamente dito. Embora repleto de referências e notas, a leitura do artigo evoca a ideia de que não se podem fazer sínteses sem conteúdos; ou seja, sem que existam estudos parcelares e integrados nas grandes coordenadas historiográficas de um determinado campo torna-se difícil e, talvez, teoricamente incorreto, produzir conclusões gerais.

## **Outros Autores**

Alguns outros autores, uns mais antigos e já falecidos, outros mais recentes e em atividade, merecem menção, ainda que por razões muito distintas entre si.

Dos falecidos, destaque-se o engenheiro Luiz Peter Stanton Clode (1904-1990) porque, apesar de ter escrito apenas um breve texto sobre o tema<sup>87</sup>, deu, todavia,

---

<sup>84</sup> PÃO, 2005, «A Madeira na rota das ciências e das investigações científicas. Listagem de personalidades que estudaram a história natural da Madeira (1601-1978)».

<sup>85</sup> VIEIRA, 2005, «As cidades atlânticas e a história das ciências e das técnicas. Séculos XV-XX» e VIEIRA, 2005, «A Madeira na rota das ciências e das investigações científicas».

<sup>86</sup> GOMES, 2010, «Higiene, Saúde e Assistência no Funchal, de 1910 a 1920: Práticas e Protagonistas (Alguns Reflexos da Legislação Republicana)», p. 577.

<sup>87</sup> Cf. CLODE, 1971, «Escola Médico-Cirúrgica do Funchal», pp. 41-43.

um enorme contributo para o conhecimento biográfico de muitas personalidades, entre as quais vários professores e antigos alunos da Escola Médico-Cirúrgica do Funchal<sup>88</sup>.

João Adriano Ribeiro (1953-2018), que apesar de ter escrito apenas dois artigos que se aproximam ao tema<sup>89</sup>, em algumas das suas obras sobre a história local<sup>90</sup>, fez importantes referências ao tema da saúde que, embora pontuais, fornecem indicações rigorosas das fontes.

Eberhard Axel Wilhelm deu um importante contributo através dos seus artigos para o conhecimento biográfico de médicos, naturalistas e viajantes de origem germânica que viveram ou passaram pela Madeira<sup>91</sup>, sobretudo tendo em conta o obstáculo que representa a língua alemã para a maioria dos portugueses, investigadores incluídos, e a escassez de estudos sobre a presença e influência germânicas em Portugal nos séculos XIX e XX.

Nelson Veríssimo abordou a questão dos sanatórios na Madeira no início do século XX, esclarecendo as questões políticas envolvidas, mas não fazia parte do seu escopo teórico discutir a questão no seu contexto mais alargado, ou seja, o das ideias médicas sobre o clima da Madeira<sup>92</sup>.

Rui Carita, na sua monumental *História da Madeira*, dedicou apenas algumas poucas páginas ao tema em causa: no volume I, registou a fundação do hospital de São Paulo, do hospital Velho, da mercearia de Santa Catarina, da albergaria de São Bartolomeu e da gafaria de São Lázaro<sup>93</sup>; no volume VII, abordou a questão do turismo terapêutico, ou seja, da relação entre a procura da Madeira por estrangeiros e a publicidade que os médicos britânicos faziam do seu clima. No entanto, a abordagem

---

<sup>88</sup> Cf. CLODE, 1983, *Registo bio-bibliográfico de madeirenses: sécs. XIX e XX*.

<sup>89</sup> Cf. RIBEIRO, 2001, «Quando os médicos receitavam vinho às mulheres», pp. 172-177; RIBEIRO, João Adriano, 1995, «A sangria. Um método de atalhar algumas doenças, na Madeira, no século XV», pp. 23-27.

<sup>90</sup> Cf. RIBEIRO, 1993, *Ponta do Sol. Subsídios para a história do concelho*; RIBEIRO, 1996, *Porto Moniz. Subsídios para a história do concelho*; RIBEIRO, 1998, *Ribeira Brava. Subsídios para a história do concelho*; RIBEIRO, 2001, *Machico. Subsídios para a história do seu concelho*; RIBEIRO, 2005, *S. Vicente. Subsídios para a história do concelho*.

<sup>91</sup> Cf. WILHELM, 1987, «Na Madeira há 125 anos. Observações dum médico de tuberculosos alemão», pp. 274-285; WILHELM, 1993, «A Madeira entre 1850 e 1900: uma estância de tísicos germânicos», pp. 116-121; WILHELM, 1998, «Trabalhos de Meteorólogos e Climatólogos Germânicos sobre a Madeira (1815-1915)», pp. 1-8.

<sup>92</sup> Cf. VERÍSSIMO, 1990, «A Questão dos Sanatórios da Madeira», pp. 124-143. Sobre a questão dos sanatórios e também revelando a ausência do tema médico e de saúde pública, refira-se: GUEVARA, 1997, *As relações luso-alemãs antes da primeira guerra mundial: a questão da concessão dos sanatórios da ilha da Madeira*.

<sup>93</sup> Cf. CARITA, 1989, *História da Madeira. Povoamento e produção açucareira (1420-1566)*.

é apenas factual e, mais uma vez, a relação do fenómeno com a dinâmicas europeias da climatologia e das ideias médicas é apenas superficialmente referida, como uma constante na verdade nunca estudada<sup>94</sup>. Mas o que mais surpreende na obra de um historiador especialista em história militar é a ausência de referências ao hospital militar, desde 1824 até à sua demolição e desativação para a construção do Liceu Nacional, que virá a chamar-se Jaime Moniz, na década de 1940.

Maria Dina dos Ramos Jardim concluiu em 1995 uma dissertação de mestrado em história moderna pela Universidade de Lisboa, orientada por Joaquim Veríssimo Serrão, com o título *A Santa Casa da Misericórdia do Funchal no século XVIII. Subsídios para a sua história*, e publicada no ano seguinte. Infelizmente, a Misericórdia do Funchal não conheceu outra obra com a qualidade metodológica desta. No capítulo «Assistência Social», a autora faz a história institucional e administrativa do novo hospital de Santa Isabel: a descrição das suas instalações e das suas valências, um levantamento do pessoal médico, cirúrgico, farmacêutico e de enfermagem, os seus ordenados e funções. A despeito da incompletude e limitação da documentação, Dina Jardim quantificou, para alguns intervalos temporais do século XVIII, as entradas e saídas de doentes no hospital<sup>95</sup>.

Seguindo uma exposição minimamente cronológica, refira-se uma pequena obra que procurou dar algumas notas para o estudo da medicina e da ortopedia na Madeira, tendo apenas algum relevo para a segunda metade do século XX<sup>96</sup>.

Em 2015, o CEHA publicou um número do seu *Anuário* dedicado ao tema *O Corpo no Passado e no Presente*, em que alguns artigos abordaram temas médicos ou relacionados à saúde, tendo como objeto o arquipélago da Madeira. Estes artigos podem ser considerados um marco na inversão da tendência de abordagem do tema da medicina e da saúde pública, dado que foram o resultado de um projeto de investigação do CEHA subordinado ao tema *Quotidiano, Vida Privada e Corpo – Contributos para uma História da Saúde e da Doença na Ilha da Madeira*. No entanto, não tiveram continuidade, fosse em novas publicações, fosse no sentido do desenvolvimento de mestrados e doutoramentos, algo que não aconteceu e que, assim, pouco alterou do panorama geral já identificado.

---

<sup>94</sup> Cf. CARITA, 2008, *História da Madeira. O longo século XIX: do Liberalismo à República. A Monarquia Constitucional (1834-1910)*.

<sup>95</sup> JARDIM, 1996, *A Santa Casa da Misericórdia do Funchal no Século XVIII (Subsídios para sua historia)*.

<sup>96</sup> Cf. PEREIRA, 2002, *A Madeira e a Ortopedia. Notas para o estudo da história da medicina e ortopedia na Madeira*.

A análise breve que de seguida se fará será necessariamente sintética, embora alguns artigos merecessem, pela sua qualidade e pela temática a que se propuseram, uma crítica mais alargada. A ordem de apreciação é a do índice da publicação. Não será referido o texto introdutório de Alberto Vieira<sup>97</sup> porque é uma versão praticamente em tudo igual à que já foi abordada anteriormente.

Filipe dos Santos, no seu artigo sobre os lázaros e o seu hospital ou gafaria municipal no Funchal, começa por estabelecer um importante esclarecimento de semântica histórica, pois o historiador não é um clínico, e é mais importante referenciar o que os coevos entendiam por e os nomes que atribuíam à doença que os fazia entrar na gafaria ou hospital, do que procurar explicar o que eram ou não aqueles padecimentos. Baseando-se em diversos documentos, mas sobretudo nas atas das vereações e num importante livro de receitas e despesas, Filipe dos Santos construiu uma rigorosa e interessante narrativa sobre a assistência aos lázaros entre os séculos XV e XVII. Infelizmente, devido ao silêncio das fontes, a sua narrativa não conseguiu circunscrever aspetos mais específicos da medicina, sobre a terapêutica ou sobre os profissionais sanitários relacionados aos lázaros. Deixou, no entanto, a esperança de que «futuras pesquisas, que pretendemos efectuar, sobre os séculos XVIII e XIX»<sup>98</sup> venham a aparecer.

Bruno Abreu Costa e Maria Cristina Martins fazem um breve historial dos hospitais madeirenses desde o século XV, seguindo e explicitando as informações contidas nas transcrições dos documentos da Misericórdia publicados por Pereira da Costa. Entre uma ou outra informação documental distinta, ressalta o problema da escassez de fontes, embora não fique claro se é uma escassez comprovada nos fundos do Arquivo e Biblioteca da Madeira ou relativa ao estado atual da investigação. Apoiando-se em Maria Dina Jardim Ramos, bem como no *Regimento ou Regulamento*<sup>99</sup> do hospital, fazem uma caracterização do hospital setecentista do Funchal e analisam as entradas e saídas de doentes durante os anos de 1784, 1785 e 1786. Infelizmente, a documentação disponível e analisada não lhes permitiu uma caracterização nosográfica e terapêutica, ficando-se pelo sexo, idade, origem, tempo

---

<sup>97</sup> VIEIRA, 2015, «A Assistência Hospitalar aos Escravos no Funchal. Séculos XV a XIX».

<sup>98</sup> SANTOS, 2015, «Corpos Doentes, Corpos Confinados: Lázaros no Funchal (Final do Século XV – Segundo Terço do Século XVII)», p. 73.

<sup>99</sup> S.A., 1820, *Regimento, ou Regulamento do Hospital Real de Santa Isabel da Cidade do Funchal, Ilha da Madeira, sendo Provedor da Mesma Santa Casa o Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo Vigário Apostólico D. Fr. Joaquim de Meneses Ataíde. Ano de 1816. Confirmado por Provisão Régia de 19 de Outubro de 1819.*

de internamento e resultado. Quanto a este ponto, importa destacar a seguinte conclusão: «O Hospital de Santa Isabel apresentou nestes três anos uma taxa elevada de cura, correspondendo a 88% dos internados.»<sup>100</sup> Ora, a alta, ou *despedimento*, termo comum à época, poderia não significar necessariamente cura. À falta de indicação sobre a moléstia ou sobre a terapêutica, ou mesmo sobre os motivos do *despedimento*, pois o hospital no século XVIII ainda não é um local onde se morre<sup>101</sup>, a simples quantificação das curas/altas não é reveladora da realidade nosocomial. No estudo de Dina Jardim, atrás citado, uma semelhante conclusão acerca dos óbitos padece do mesmo problema: «A qualidade do serviço prestado pelo Hospital pode ser comprovada pela percentagem relativamente baixa de óbitos ocorridos na totalidade dos doentes admitidos»<sup>102</sup>. A relação entre as condições do hospital e os óbitos no seu interior pode não ser direta, pois não se sabe a moléstia nem as condições do despedimento (alta ou cura). Do mesmo modo, é temerário inferir dos tempos de internamento ou da condição social dos internados uma explicação: «A taxa elevada de cura é justificada pela maioria dos pacientes possuir maleitas de fraca gravidade ou, como se referiu, serem vítimas de desnutrição ou cansaço»<sup>103</sup>. Ademais, a polifarmácia galénica, ainda então amplamente dominante, sendo eminentemente sintomática e, não raras vezes, bastante agressiva, poderia mascarar não só as curas e altas, mas também os próprios óbitos, que ocorreriam já fora do hospital e como consequência cumulativa de moléstia e terapêutica. De qualquer forma, o artigo de Bruno Abreu Costa e Maria Cristina Martins procura problematizar a questão da modernidade hospitalar setecentista, baseando-se no rigor documental e na atitude crítica e analítica, o que é representativo de uma alteração qualitativa da historiografia madeirense sobre o tema.

Nélio Pão produziu um artigo que procurou melhor conhecer o surto de cólera que atingiu violentamente a Madeira em 1856 a partir do «papel dos periódicos da época durante o período de epidemia, dando a conhecer a informação exarada

---

<sup>100</sup> COSTA e MARTINS, 2015, «O Corpo Enfermo: A Clientela do Hospital de Santa Isabel do Funchal (1784-1786)», p. 216.

<sup>101</sup> Cf. ARIËS, 2012, *História da morte no Ocidente*, pp. 85-86. «Entre 1930 e 1950, a evolução vai se precipitar. Esta aceleração é devida a um fenómeno material importante: o deslocamento do lugar da morte. Já não se morre em casa, em meio aos seus, mas sim no hospital, sozinho. Morre-se no hospital porque este tornou-se o local onde se presta os cuidados que já não se podem prestar em casa».

<sup>102</sup> JARDIM, 1996, *A Santa Casa da Misericórdia do Funchal no Século XVIII (Subsídios para sua historia)*, p. 125.

<sup>103</sup> COSTA e MARTINS, 2015, «O Corpo Enfermo: A Clientela do Hospital de Santa Isabel do Funchal (1784-1786)», p. 219.

por estes concernente a prevenções e tratamentos da doença.»<sup>104</sup> O artigo tem a virtualidade de abordar os temas da medicina e da saúde pública nos periódicos funchalenses, ainda que a Madeira não tenha tido nenhum periódico médico. A falta que este tipo de estudos faz na historiografia nacional é notória<sup>105</sup>. O artigo de Nélio Pão é também muito relevante porque faz um levantamento que dá a conhecer a terapêutica farmacológica usada então para combater a epidemia de cólera.

O artigo de Ana Madalena Trigo de Sousa versou sobre as competências e realizações da Junta de Higiene do Concelho do Funchal, instituída em 1927, substituída pela Comissão Municipal de Higiene em 1936, que funcionou até 1975. Dois anos antes, em 2013, também em um dos *Anuários do Centro de Estudos de História do Atlântico*, tinha abordado o tema da saúde pública no contexto da organização e do funcionamento, entre 1750 e 1832, do porto do Funchal<sup>106</sup>. O artigo tem relevo porque, mesmo face à escassez documental, procura compreender o funcionamento da Casa de Saúde e as atribuições do Guarda-Mor na prevenção da entrada de epidemias no arquipélago, fornecendo preciosas indicações documentais.

No seu texto de 2015, as suas análises estiveram centradas nas políticas de saneamento urbano do concelho do Funchal, seguindo a organização institucional a partir dos normativos legais municipais. É um estudo de fundamental importância para perspetivar os constrangimentos e necessidades da transformação sanitária da cidade do Funchal:

«Desde os finais do século XIX, princípios do século XX, que o município do Funchal detinha, no âmbito das suas competências, a responsabilidade de zelar pela manutenção das condições de salubridade do espaço concelhio. Contudo, o principal problema era a inexistência de uma rede de saneamento básico e de abastecimento de água potável. Tal condicionava, em absoluto, o processo de modernização de uma cidade que desejava assumir um papel importante como estância de turismo terapêutico.»<sup>107</sup>

No entanto, mais uma vez, a referência ao turismo terapêutico surge algo estática, numa diacronia que é longa e que tem como ponto de inflexão o surgimento

---

<sup>104</sup> PÃO, 2015, «A Epidemia de Cólera de 1856 na Madeira: Tratamentos, Medidas Preventivas, Preocupações Sanitárias e Cuidados com o Corpo», p. 326.

<sup>105</sup> Veja-se, por exemplo, nesta obra, a ausência de estudos deste cariz: ALMEIDA, 2013, *Saúde pública e higiene na imprensa diária em anos de epidemias, 1854-1918*.

<sup>106</sup> SOUSA, 2013, «A Câmara do Funchal e a actividade portuária: saúde pública, abastecimento e poder (1750-1832)».

<sup>107</sup> SOUSA, 2015, «A Implementação de uma Política de Salubridade Pública no Concelho do Funchal: A Atuação da Junta de Higiene e da Comissão Municipal de Higiene (1927-1975)», p. 429.

da microbiologia, ou bacteriologia, que produziu efeitos consideráveis nas ideias médicas sobre o clima. De qualquer forma, ainda que sendo um estudo propedêutico, a par de um outro já citado<sup>108</sup>, é incontornável para se abordar a sanitariedade urbana do Funchal no século XX.

Deixando agora os autores do *Anuário* dedicado ao tema *O Corpo no Passado e no Presente*, importa referir que, curiosamente, é um arquiteto o primeiro a discutir com rigor o conceito de turismo terapêutico. Rui Campos Matos, na sua tese de doutoramento em teoria e história da arquitetura, sustentou o fenómeno do aparecimento de uma *arquitetura do turismo terapêutico* na Madeira, ou, dito de outro modo, sustentou «que o turismo terapêutico, num determinado enquadramento cronológico e geográfico, terá dado origem a uma arquitetura»<sup>109</sup>.

Ainda em 2016, Nuno Mota produziu um estudo sobre o manicómio Câmara Pestana no âmbito de uma publicação de divulgação dos fundos da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal pelo então Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira<sup>110</sup>. O artigo de Nuno Mota é bastante mais completo e bem mais documentado, apesar dos condicionalismos de acesso à documentação<sup>111</sup>, do que a abordagem introdutória que Aires Gameiro e Manuel Maria Gonçalves fizeram ao contexto do tratamento de doentes mentais na Madeira antes da atuação das Irmãs Hospitaleiras e dos Irmãos de São João de Deus<sup>112</sup>.

Mais recentemente, a revista *Translocal. Culturas Contemporâneas Locais e Urbanas*, editada no Funchal, numa parceria entre o Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira, a Câmara Municipal do Funchal e, desde 2020, a Imprensa Académica, publicou um artigo<sup>113</sup> da minha autoria que procurou equacionar a controvérsia médica sobre o clima da Madeira a partir do conceito de translocalidade.

---

<sup>108</sup> Cf. GOMES, 2010, «Higiene, Saúde e Assistência no Funchal, de 1910 a 1920: Práticas e Protagonistas (Alguns Reflexos da Legislação Republicana)».

<sup>109</sup> MATOS, 2016, *A Arquitectura do Turismo Terapêutico. Madeira e Canárias, 1800-1914*, p. 7.

<sup>110</sup> MOTA, 2016, «Loucura e periferia: o manicómio Câmara Pestana (1906-1925)».

<sup>111</sup> O autor esclareceu que a documentação consultada se restringiu ao fundo da Junta Geral, pois o arquivo da própria instituição não foi consultado, supondo estar à guarda da atual Casa de Saúde Câmara Pestana.

<sup>112</sup> Cf. GAMEIRO e GONÇALVES, 2014, *História da Casa de Saúde S. João de Deus na Madeira – I: os Irmãos Hospitaleiros e os Alienados (dos antecedentes a 1960)*.

<sup>113</sup> Cf. FERREIRA, 2018, «A controvérsia médica sobre o clima da Madeira no século XIX: translocalidade, epistemologia e história».

A renovada publicação *Arquivo Histórico da Madeira*, Nova Série, editada pela Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira, nos seus números 1, 3 e 4, publicou artigos de Ismael Vieira<sup>114</sup>, Aires Gameiro<sup>115</sup>, Nulita Andrade<sup>116</sup> e da minha autoria<sup>117</sup>.

O primeiro dos artigos de Ismael Vieira fornece uma boa visão panorâmica dos escritos acerca da terapêutica climatérica desde finais do século XVIII para, a seguir, resumir o capítulo acerca do hospício da Princesa D. Maria Amélia da sua tese de doutoramento sobre a tuberculose<sup>118</sup>. No seu segundo artigo, Ismael Vieira discute o conceito de geografia médica no contexto oitocentista anterior ao desenvolvimento da medicina científica e arrola as obras que, no seu entender, se enquadram no conceito e que têm a Madeira como objeto. Infelizmente, o autor não colocou em perspetiva e em contraste os seis trabalhos que arrolou acerca da Madeira com o enorme desenvolvimento oitocentista europeu das topografias e geografias médicas, sendo que aqueles textos são bastante heterogéneos entre si.

Nulita Andrade abordou a epidemia de cólera de 1856 na Madeira a partir da ação do governador civil do distrito do Funchal de então, António Rogério Gromicho Couceiro.

Aires Gameiro retomou no seu artigo, como o próprio o afirmou, uma outra sua obra<sup>119</sup>, de 2014, atrás citada, em coautoria com Manuel Maria Gonçalves, fazendo «uma síntese da história da Casa de Saúde S. João de Deus, instituição vocacionada para o tratamento de doenças mentais, de 1960 a 2018»<sup>120</sup>. Na sua obra de 2014, venceu não só a escassez de documentos, mas a própria escassez de recursos e de ação para a assistência aos alienados da Madeira até ao início do século XX.

O meu artigo sobre as aulas médico-cirúrgicas anteriores à Escola Médico-Cirúrgica do Funchal procurou estabelecer uma melhor ordem e clareza às inúmeras

---

<sup>114</sup> Cf. VIEIRA, 2019, «A Ilha da Madeira como Centro de Tratamento de Doenças Pulmonares em Meados do Século XIX»; VIEIRA, 2022, «As Geografias Médicas e a Apologia do Clima da Madeira: A Propósito da Climatoterapia da Tísica na Primeira Metade do Século XIX».

<sup>115</sup> GAMEIRO, 2019, «A Casa de Saúde S. João de Deus (Funchal, 1960-2018) – Contributos para a sua História».

<sup>116</sup> ANDRADE, 2022, «A Epidemia de Cólera na Madeira (1856): Das Políticas Régias às Práticas Locais».

<sup>117</sup> FERREIRA, 2021, «As Aulas Médico-Cirúrgicas no Hospital da Misericórdia do Funchal (1812-1836)».

<sup>118</sup> Cf. VIEIRA, 2016, *Conhecer, Tratar e Combater a “Peste Branca”. A tisiologia e a luta contra a tuberculose em Portugal (1853-1975)*.

<sup>119</sup> GAMEIRO e GONÇALVES, 2014, *História da Casa de Saúde S. João de Deus na Madeira – I: os Irmãos Hospitaleiros e os Alienados (dos antecedentes a 1960)*.

<sup>120</sup> GAMEIRO, 2019, «A Casa de Saúde S. João de Deus (Funchal, 1960-2018) – Contributos para a sua História», p. 407.

referências ao contexto de criação e existência daquelas aulas. Procurei ainda problematizar as práticas de ensino e aprendizagem e a certificação dos cirurgiões e boticários no interior do hospital de Santa Isabel, embora esta seja uma realidade de muito difícil acesso ao historiador.

## **Conclusão**

Em 1995, Alberto Vieira clamou por uma revolução e renovação da historiografia madeirense, bem como por um maior profissionalismo ou profissionalização do historiador:

«A História insular carece de uma revolução temática, o chamado ‘território do historiador’ precisa de ser alargado além dos ‘solos’ ricos e tradicionais. A par disso, o ofício precisa de ser dignificado através da perícia no manejo dos seus instrumentos de trabalho. [...] O futuro da historiografia insular está no desfazer desta auréola de egocentrismo e insularização que deverão dar lugar à dimensão arquipelágica no contexto do mundo atlântico.»<sup>121</sup>

Passados quase 30 anos, uma avaliação, que seja ao mesmo tempo específica e global, da historiografia madeirense sobre a medicina e a saúde pública terá, inevitavelmente, de concordar não só com a imagem da existência de um quase deserto historiográfico, comparativamente com tudo o resto que já se escreveu sobre a história da Madeira, mas também com a dispersão e a incipiência da abordagem do tema. Só a partir da década de 1990 e, sobretudo, das duas primeiras décadas do século XXI, que encontraremos uma produção historiográfica mais consistente, embora esparsa e pouca, como também pouco articulada entre si, quanto às épocas e quanto aos temas. Aliás, esta característica de desarticulação foi apontada por José Manuel Azevedo e Silva num outro contexto:

«No presente século, especialmente nas últimas décadas, muito se tem escrito sobre a Madeira, mas pouco se avançou na construção da sua história global. Na verdade, se, por um lado, se tem tentado satisfazer meras exigências de natureza turística, por outro, tem-se cultivado o terreno da história madeirense como “poios” estanques, sem lhe imprimir o carácter de obra de conjunto.»<sup>122</sup>

A minha investigação, ainda em curso, está prevenida com a consciência de que nada se faz sozinho ou isolado, embora o trabalho colaborativo de investigação

---

<sup>121</sup> VIEIRA, 1995, *Guia de Investigação e História das Ilhas Atlânticas*, p. 17.

<sup>122</sup> SILVA, 1995, *A Madeira e a construção do mundo atlântico (séculos XV-XVII)*, vol. 1, pp. 10-11.

ainda seja muito difícil de ser realizado. Falar do que ainda não está escrito pode ser temerário, mas o meu estudo sobre a Escola Médico-Cirúrgica do Funchal (1836-1910), incompreensivelmente esquecida até hoje, é central para conhecer a medicina, a cirurgia, a farmácia, e até os primórdios da enfermagem na Madeira, no contexto das reformas da formação médico-cirúrgica e farmacêutica nacional e europeia. Este é um ponto fundamental: só se pode compreender suficientemente a particularidade da Escola do Funchal se compreendermos o debate de ideias, nacional e europeu, sobre as reformas liberais do ensino médico-cirúrgico e farmacêutico e as forças que as conceberam e condicionaram. A Escola-Médico Cirúrgica do Funchal, ainda que enquadrada na categoria de ensino superior, era considerada à época *uma escola secundária de medicina*, não no sentido de ensino secundário, como o conhecemos hoje e que corresponde à instrução ministrada nos liceus, mas no sentido de uma escola *curricularmente menor*, que formava licenciados menores ou cirurgiões ministrantes e farmacêuticos de 2.<sup>a</sup> classe, situação que tinha paralelo em muitos países da Europa. A ação e as vicissitudes da Escola do Funchal nunca foram estudadas de uma forma integrada nas grandes linhas da historiografia da medicina, apesar da existência de uma quantidade suficiente de documentos, devidamente organizados e catalogados no Arquivo e Biblioteca Pública da Madeira há décadas. A ação dos seus professores e alunos, que foram os protagonistas das estruturas de saúde pública durante a sua vigência, e mesmo para além dela, permite perspetivar as idiossincrasias do desenvolvimento daquelas estruturas num contexto insular e periférico. O debate de ideias e a circulação de práticas médico-cirúrgicas e farmacêuticas entre os séculos XVIII e XX, que não se esgota na terapêutica climatérica, muito glosada, mas pouco estudada, é fundamental para se compreender o relativamente longo processo de cientificação das ciências da saúde. De um ponto de vista mais institucional, e marcado pelas já tradicionais abordagens das realidades hospitalares, o fundo da Santa Casa da Misericórdia do Funchal permite fazer uma história do funcionamento da estrutura hospitalar na confluência com as práticas terapêuticas, assistenciais e de ensino e aprendizagem no interior do hospital. Os receituários do hospício da Princesa D. Maria Amélia, do hospital dos Lázaros e do hospital de Santa Isabel que chegaram até nós são documentos importantes para se conhecer melhor o longo processo de desagregação da farmácia e terapêutica galénicas e a instituição de uma farmácia e terapêutica químicas.

Um projeto de investigação isolado, seja o meu ou de qualquer outro investigador, nunca poderia abarcar todos os aspetos relacionados à medicina e à saúde pública. Portanto, se um espectro alargado de caminhos é possível, um conjunto mais restrito de abordagens é desejável e realizável, sobretudo para os séculos XVIII, XIX e XX, na continuidade de temas já citados neste artigo ou de outros novos: o estudo nosológico e nosográfico das endemias e epidemias na Madeira poderá ser extremamente valioso como contraste com os fenómenos económicos, demográficos e mesmo culturais; o estudo da higiene pública e das estruturas materiais e humanas de salubridade urbana está diretamente ligado ao estado hígido da população, mas também ao fenómeno do turismo; a medicalização da sociedade pode ser abordada a partir da quantificação do movimento dos hospitais madeirenses e dos profissionais de saúde que no arquipélago exerciam; uma prosopografia dos profissionais de saúde que seja mais do que um elenco de personalidades, mas uma verdadeira sociologia histórica das profissões sanitárias; o processo de subjetivação e autoconstrangimento decorrente da vulgarização dos preceitos de higiene privada; a ação da higiene social e das teorias de cariz eugénico na disciplinarização da mulher e das crianças, dos marginalizados (alcoólicos, prostitutas, mendigos, loucos) e dos criminosos no quadro de combate à “degenerescência da raça”.

É minha convicção que, sem a existência de novas e renovadas investigações, seja no âmbito da Universidade da Madeira, seja em investigação promovida pelo CEHA-AV, sem apoios e investimentos efetivos, públicos ou privados, para projetos com uma política clara e orientada de investigação, arriscamo-nos a ficarmos retidos na órbita de uma repetição memorialística, cristalizada numa referencialização a uma historiografia nunca renovada ou criticada por investigações recentes. Dois exemplos são por demais evidentes do que foi afirmado: várias entradas do projeto em linha *Aprender Madeira*<sup>123</sup> relacionadas à história da medicina e da saúde pública ressentem-se claramente da falta de investigação e da circular referencialização aos mesmos autores; uma obra de vulgarização, ou de divulgação ao grande público, publicada em 2019, que tem um marcado estilo jornalístico, mas que se apresenta, ou foi apresentada, como história<sup>124</sup>.

---

<sup>123</sup> As entradas biográficas são as primeiras a se ressentir da falta de investigação, podendo ser referida como exemplo a entrada: LONDRAL e TELES, 2016, «Pita, António da Luz». Mas outras são tanto ou mais evidentes: TELES e LONDRAL, 2015, «Escola Médico-Cirúrgica do Funchal», LONDRAL e TELES, 2016, «Doenças e Epidemias», LONDRAL e TELES, 2017, «Tuberculose», TELES, 2016, «Hospitais», LONDRAL e TELES, 2016, «Hospício da Princesa Dona Maria Amélia», CARITA, 2016, «Hospital Militar».

<sup>124</sup> Cf. FRANCO e SILVA (eds.), 2019, *Madeira + saúde: nas linhas do tempo...*

Em 2001, Alberto Vieira apelava à dignificação da escrita e do estatuto da história:

«Também o ofício de historiador precisa de ser dignificado e não deverá permitir-se que seja devassado por falsos profetas de ocasião. A divulgação, seja ela sob a forma de apontamento jornalístico ou livro não deverá [ser] o meio fácil de fuga ao manejo dos seus instrumentos de trabalho.»<sup>125</sup>

O debate público sobre a historiografia e a sua crítica pelos especialistas poderão contribuir para promover a renovação dos enfoques na historiografia insular, embora sempre dependentes das condições materiais, das escolhas teóricas das instituições que promovem a investigação e dos campos historiográficos perseguidos nessas instituições. A documentação depositada no Arquivo e Biblioteca da Madeira e que constitui os fundos da Santa Casa da Misericórdia do Funchal, do Governo Civil, das câmaras e administrações municipais, bem como outros fundos, cujos instrumentos de descrição documental têm vindo a ser revistos nos últimos anos, em claro benefício para a investigação, é extremamente rica para o desenvolvimento regional do campo historiográfico da medicina e da saúde pública que produz já uma vasta bibliografia no país. Estou convencido que é possível contrariar a situação atual com o lançamento de projetos de investigação *pelo fim*, ou seja, não é preciso começar no século XV para produzir conhecimento relevante sobre a história da medicina na Madeira. É perfeitamente possível – e talvez mais acessível para alunos de mestrado e doutoramento da Universidade da Madeira ou de outras universidades – desenvolver investigações sobre os séculos XVIII, XIX e XX. Na verdade, foi durante esses séculos que se forjou a nossa modernidade e contemporaneidade e é deles que o nosso presente está mais perto, onde, eventualmente, ainda reverberam os seus processos e as suas dinâmicas.

## Fontes e Referências Bibliográficas

### Fontes Impressas

SILVA, Julião Fernandes da, 1761, *Carta crítica sobre o método curativo dos médicos funchalenses*, Londres, s.n.

---

<sup>125</sup> VIEIRA, 2001, «A Madeira na História de Portugal e do Atlântico», p. 106.

S.A., 1820, *Regimento, ou Regulamento do Hospital Real de Santa Isabel da Cidade do Funchal, Ilha da Madeira, sendo Provedor da Mesma Santa Casa o Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo Vigário Apostólico D. Fr. Joaquim de Meneses Ataíde. Ano de 1816. Confirmado por Provisão Régia de 19 de Outubro de 1819, Lisboa, Tipografia Bulhões.*

#### Fontes Manuscritas (Arquivos e Fundos)

##### Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Inspecção Superior das Bibliotecas e Arquivos, Incorporação no Arquivo Distrital do Funchal de uma remessa de documentos da Escola Médica do Funchal enviados à Inspecção Geral das Bibliotecas e Arquivos pela Santa Casa da Misericórdia do Funchal, cx. 259, proc. 127.

#### Legislação

Resolução n.º 1/80/M, de 18 de março, in *Diário da República*, série I, n.º 65, de 18.03.1980.

Decreto Regulamentar Regional n.º 1/82/M, de 29 de janeiro, in *Diário da República*, série I, n.º 24, de 29.01.1982.

Decreto Legislativo Regional 20/85/M, de 17 de setembro, in *Diário da República*, série I, n.º 214, de 17.09.1985.

Decreto Regulamentar Regional n.º 27/2020/M, de 27 de abril, in *Diário da República*, série I, n.º 82, de 27.04.2020.

Decreto Regulamentar Regional n.º 7/2020/M, de 20 de janeiro, in *Diário da República*, série I, n.º 13, de 20.01.2020.

#### Referências Bibliográficas

AAVV, 1989, *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, vol. 1, Funchal, Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração – Direcção Regional de Assuntos Culturais.

AAVV, 1990, *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, vol. 2, Funchal, Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração – Direcção Regional de Assuntos Culturais.

AAVV, 1990, *Actas do II Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses.

- AAVV, 1993, *Actas. III Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico.
- ACHESON, Ernest Donald, 1988, «On the state of the public health [The fourth Duncan lecture]», in *Public Health*, vol. 102, 5, pp. 431-437.
- ACHESON, Ernest Donald, 1998, *Independent Inquiry into Inequalities in Health. Report*, London, The Stationery Office.
- ALMEIDA, Maria Antónia Pires de, 2013, *Saúde pública e higiene na imprensa diária em anos de epidemias, 1854-1918*, Lisboa, Colibri.
- ANDRADE, Nulita Raquel Freitas, 2022, «A Epidemia de Cólera na Madeira (1856): Das Políticas Régias às Práticas Locais», in *Arquivo Histórico da Madeira*, Nova Série, 4, pp. 299-316.
- ARIÈS, Philippe, 2012, *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé, 1983, *Les écoles historiques*, Paris, Éditions du Seuil.
- BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond, 2004, «Historiografia universitária sobre temáticas regionais insulares (1874-2000)», in *Isleña*, 34, pp. 4-20.
- BRANCO, Hugo C. de Lacerda Castelo, 1936, *Le Climat de Madère. Ébauche d'une Étude Comparative*, Funchal, Junta Geral Autónoma do Funchal.
- CARITA, Rui, 1989, *História da Madeira. Povoamento e produção açucareira (1420-1566)*, Funchal, Secretaria Regional de Educação e Cultura.
- CARITA, Rui, 2008, *História da Madeira. O longo século XIX: do Liberalismo à República. A Monarquia Constitucional (1834-1910)*, Funchal, Secretaria Regional de Educação e Cultura.
- CARVALHO, Augusto da Silva, 1932, *História da Lepra em Portugal*, Porto, Sociedade de Papelaria.
- CATROGA, Fernando, 2015, *Memória, História e Historiografia*, Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas.
- CLODE, Luiz Peter, 1971, «Escola Médico-Cirúrgica do Funchal», in *Das Artes e da História da Madeira*, ano XXI, vol. VIII, 41, pp. 41-43.
- CLODE, Luiz Peter, 1983, *Registo bio-bibliográfico de madeirenses: sécs. XIX e XX*, Funchal, Caixa Económica do Funchal.
- COSTA, Bruno Abreu e MARTINS, Maria Cristina, 2015, «O Corpo Enfermo: A Clientela do Hospital de Santa Isabel do Funchal (1784-1786)», in *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico*, 7, pp. 186-221.
- COSTA, Dr. Carreira da, 1953, «Onze médicos madeirenses em São Miguel, nos últimos 50 anos», in *Açores-Madeira*, n.º 4, pp. 13-15.

- COSTA, José Pereira da, 1966, «Notas sobre o Hospital e a Misericórdia do Funchal», in *Arquivo Histórico da Madeira*, vol. XIV, pp. 94-239.
- COSTA, José Pereira da, 1993, *Assistência médico-social na Madeira (breve resenha histórica)*, Funchal, Secretaria Regional dos Assuntos Sociais.
- COSTA, José Pereira da e SAINZ-TRUEVA, José de, 1992, *Assistência médico-social na Madeira e a Escola Médico-Cirúrgica do Funchal*, Funchal, Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração.
- ESTEVA DE SAGRERA, Juan 2004, «Historiadores versus merodeadores», in *Offarm*, vol. 23, 9, pp. 130-134.
- FERREIRA, Luís Timóteo, 2018, «A controvérsia médica sobre o clima da Madeira no século XIX: translocalidade, epistemologia e história», in *Translocal. Culturas Contemporâneas Locais e Urbanas*, 1, pp. 88-99.
- FERREIRA, Luís Timóteo, 2021, «As Aulas Médico-Cirúrgicas no Hospital da Misericórdia do Funchal (1812-1836)», in *Arquivo Histórico da Madeira*, Nova Série, 3, pp. 175-215.
- FIGUEIREDO, A. Bandeira de, 1963, *Introdução à História Médica da Madeira*, Porto, Edições Marânus.
- FIGUEIREDO, A. Bandeira de, 1964, *Aspectos da Medicina na Madeira através dos tempos (separata de Anais Azevedos, n.º 15)*, Lisboa, Sociedade Industrial Farmacêutica.
- FRANCO, José Eduardo (ed.), 2008, *Cultura Madeirense. Temas e Problemas*, Porto, Campo das Letras.
- FRANCO, José Eduardo e TRINDADE, Cristina, 2014, *Que Saber(es) para o Século XXI? História, Cultura e Ciência na Madeira*, Lisboa, Esfera do Caos Editores.
- FRANCO, Sónia Silva e SILVA, Maria do Carmo (eds.), 2019, *Madeira + saúde: nas linhas do tempo...*, Funchal, Arteleia.
- GAMEIRO, Aires, 2019, «A Casa de Saúde S. João de Deus (Funchal, 1960-2018) – Contributos para a sua História», in *Arquivo Histórico da Madeira*, Nova Série, 1, pp. 407-452.
- GAMEIRO, Aires e GONÇALVES, Manuel Maria, 2014, *História da Casa de Saúde S. João de Deus na Madeira – I: os Irmãos Hospitaleiros e os Alienados (dos antecedentes a 1960)*, Lisboa, Esfera do Caos – Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira.
- GOMES, Fátima Freitas, 2010, «Higiene, Saúde e Assistência no Funchal, de 1910 a 1920: Práticas e Protagonistas (Alguns Reflexos da Legislação Republicana)», in *AAVV, República e Republicanos na Madeira (1880-1926)*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, pp. 577-603.

- GUEVARA, Gisela Medina, 1997, *As relações luso-alemãs antes da primeira guerra mundial: a questão da concessão dos sanatórios da ilha da Madeira*, Lisboa, Edições Colibri.
- HAUSEN, Björn M., 1990, «Paul Langerhans and the islands», in *Islenha*, 7, pp. 22-31.
- HAUSEN, Björn M., 2015, *As “Ilhas” de Paul Langerhans. Uma biografia em fotos e documentos*, Lisboa, Edições Colibri.
- HENRIQUES, João Maria, 1971, «O Hospício da Princesa D. Maria Amélia», in *Das Artes e da História da Madeira*, ano XXI, vol. VIII, 41, pp. 28-36.
- JANKOVIC, Vladimir, 2010, *Confronting the Climate. British Airs and the Making of Environmental Medicine*, New York, Palgrave-Macmillan.
- JARDIM, Maria Dina dos Ramos, 1996, *A Santa Casa da Misericórdia do Funchal no Século XVIII (Subsídios para sua historia)*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico.
- MACEDO, Laureano Secundino Ascensão de, 2012, *Coleção de correspondência oficial de João Cabral do Nascimento, Diretor do Arquivo Distrital do Funchal*, Funchal, Edição de autor.
- MAIA, Celestino, 1951, «Madeirenses Ilustres na Medicina. I – Doutor João Augusto Teixeira», in *Das Artes e da História da Madeira*, vol. 1, 6, pp. 2-7.
- MATOS, Rui Manuel Carneiro de Campos, 2016, *A Arquitectura do Turismo Terapêutico. Madeira e Canárias, 1800-1914*, Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- MOTA, Nuno, 2016, «Loucura e periferia: o manicómio Câmara Pestana (1906-1925)», in AAVV, *Junta Geral do Distrito do Funchal (1836-1976). Administração e História*, Funchal, Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura – Direção Regional da Cultura – Arquivo Regional da Madeira, pp. 219-263.
- NASCIMENTO, João Cabral do, 1932, «Alunos da Aula Médico-Cirúrgica», in *Arquivo Histórico da Madeira*, vol. II, pp. 101-104.
- NASCIMENTO, João Cabral do, 1932, «Relatório do Dr. Luis Henriques sobre os melhoramentos a introduzir no Hospital de Santa Isabel», in *Arquivo Histórico da Madeira*, vol. II, pp. 42-45.
- NASCIMENTO, João Cabral do, 1933, «De Rebus Pluribus. Manuscritos da Escola Médica», in *Arquivo Histórico da Madeira*, vol. III, p. 115.
- NASCIMENTO, João Cabral do, 1949, «O Hospital velho do Funchal», in *Arquivo Histórico da Madeira*, vol. VII, pp. 115-118.
- PACHECO, José Augusto, 2001, *Currículo: Teoria e Práxis*, Porto, Porto Editora.

- PÃO, Nélio, 2005, «A Madeira na rota das ciências e das investigações científicas. Listagem de personalidades que estudaram a história natural da Madeira (1601-1978)», in AAVV, *As Ilhas e a Ciência. História da Ciência e das Técnicas. I Seminário Internacional*, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura – Centro de Estudos de História do Atlântico, pp. 37-108.
- PÃO, Nélio, 2015, «A Epidemia de Cólera de 1856 na Madeira: Tratamentos, Medidas Preventivas, Preocupações Sanitárias e Cuidados com o Corpo», in *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico*, 7, pp. 323-346.
- PEREIRA, Eduardo C. N., 1989, *Ilhas de Zargo*, vol. 2, Funchal, Edição da Câmara Municipal do Funchal.
- PEREIRA, Fernando Jasmins, 1991, *Estudos sobre a História da Madeira*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico – Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração.
- PEREIRA, Mário, 2002, *A Madeira e a Ortopedia. Notas para o estudo da história da medicina e ortopedia na Madeira*, Funchal, Centro Ortopédico do Funchal.
- PETIT, Eduarda Maria Sousa Gomes, 2009, *A Madeira na Primeira Metade de Setecentos*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico.
- RIBEIRO, João Adriano, 1993, *Ponta do Sol. Subsídios para a história do concelho*, Ponta do Sol, Câmara Municipal da Ponta do Sol.
- RIBEIRO, João Adriano, 1995, «A sangria. Um método de atalhar algumas doenças, na Madeira, no século XV», in *Islenha Médica*, 1, pp. 23-27.
- RIBEIRO, João Adriano, 1996, *Porto Moniz. Subsídios para a história do concelho*, Porto Moniz, Câmara Municipal do Porto Moniz.
- RIBEIRO, João Adriano, 1998, *Ribeira Brava. Subsídios para a história do concelho*, Ribeira Brava, Câmara Municipal da Ribeira Brava.
- RIBEIRO, João Adriano, 2001, «Quando os médicos receitavam vinho às mulheres», in *Islenha*, 29, pp. 172-177.
- RIBEIRO, João Adriano, 2001, *Machico. Subsídios para a história do seu concelho*, Machico, Câmara Municipal de Machico.
- RIBEIRO, João Adriano, 2005, *S. Vicente. Subsídios para a história do concelho*, S. Vicente, Câmara Municipal de S. Vicente.
- RIEDER, Philip, 2006, «L’histoire de la médecine «from below»: bilan et perspectives», in RIEDER, Philip, PEREIRA, Ana Leonor e PITA, João Rui (eds.), *História ecológico-institucional do corpo*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 9-28.

- RODRIGUES, Paulo Miguel, 2008, *A Madeira entre 1820 e 1842: relações de poder e influência britânica*, Funchal, Funchal 500 Anos.
- SALGUEIRO, Ana, 2015, «Introdução», in SALGUEIRO, Ana e RODRIGUES, Paulo Miguel (eds.), *Cabral do Nascimento: escrever o mundo por detrás de um monóculo e a partir de um farol*, Funchal, Imprensa Académica, pp. 15-21.
- SANTOS, Filipe dos, 2009, «A História Económica e Social do Arquipélago da Madeira no Recente Panorama Historiográfico (1985-2008): Uma Resenha Bibliográfica», in *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico*, 1, pp. 263-315.
- SANTOS, Filipe dos, 2015, «Corpos Doentes, Corpos Confinados: Lázarus no Funchal (Final do Século XV – Segundo Terço do Século XVII)», in *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico*, 7, pp. 35-94.
- SERRÃO, Joel, 1992, *Temas Históricos Madeirenses*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico.
- SILVA, José Manuel Azevedo e, 1995, *A Madeira e a construção do mundo atlântico (séculos XV-XVII)*, 2 vols., Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura – Centro de Estudos de História do Atlântico.
- SILVA, P.º Fernando Augusto da e MENESES, Carlos Azevedo de, 1998, *Elucidário Madeirense (fac-símile da edição de 1940-1946)*, vol. 1, Funchal, Secretaria Regional de Turismo e Cultura – Direcção Regional de Assuntos Culturais.
- SILVA, P.º Fernando Augusto da e MENESES, Carlos Azevedo de, 1998, *Elucidário Madeirense (fac-símile da edição de 1940-1946)*, vol. 2, Funchal, Secretaria Regional de Turismo e Cultura – Direcção Regional de Assuntos Culturais.
- SOUSA, Ana Madalena Trigo de, 2009, «A história institucional e política na historiografia madeirense (1985-2008)», in *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico*, 1, pp. 316-345.
- SOUSA, Ana Madalena Trigo de, 2013, «A Câmara do Funchal e a actividade portuária: saúde pública, abastecimento e poder (1750-1832)», in *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico*, 5, pp. 213-231.
- SOUSA, Ana Madalena Trigo de, 2015, «A Implementação de uma Política de Salubridade Pública no Concelho do Funchal: A Atuação da Junta de Higiene e da Comissão Municipal de Higiene (1927-1975)», in *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico*, 7, pp. 413-431.
- UNIVERSIDADE DO PORTO, s.d., *Anuário. Ano Escolar de 1962-1963*, Porto, Tipografia e Encadernação Domingos de Oliveira.
- VELOZA, J. Ezequiel, 1949, «Hospital para tuberculosos no sítio da Casa Branca, S. Martinho», in *Das Artes e da História da Madeira*, suplemento ao n.º 5147 de *O Jornal*, p. 341.

- VERÍSSIMO, Nelson, 1990, «A Questão dos Sanatórios da Madeira», in *Islenha*, 6, pp. 124-143.
- VIEIRA, Alberto, 1995, *Guia de Investigação e História das Ilhas Atlânticas*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico – Secretaria Regional do Turismo e Cultura.
- VIEIRA, Alberto, 2001, «A Madeira na História de Portugal e do Atlântico», in AAVV, *A Madeira e a História de Portugal*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico – Secretaria Regional do Turismo e Cultura, pp. 75-108.
- VIEIRA, Alberto, 2005, «As cidades atlânticas e a história das ciências e das técnicas. Séculos XV-XX», in AAVV, *As Ilhas e a Ciência. História da Ciência e das Técnicas. I Seminário Internacional*, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura – Centro de Estudos de História do Atlântico, pp. 109-129.
- VIEIRA, Alberto, 2005, «A Madeira na rota das ciências e das investigações científicas», in AAVV, *As Ilhas e a Ciência. História da Ciência e das Técnicas. I Seminário Internacional*, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura – Centro de Estudos de História do Atlântico, pp. 23-36.
- VIEIRA, Alberto, 2007, «Os escravos e a assistência hospitalar no Funchal: séculos XV-XVI», in *Cadernos de Estudos e Pesquisa*, vol. XI, 25, pp. 73-97.
- VIEIRA, Alberto, 2008, «A história do turismo na Madeira. Alguns dados para uma breve reflexão», in *Turismo. Revista de la Escuela Universitaria de Turismo Iriarte*, 0, pp. 95-118.
- VIEIRA, Alberto, 2015, «A Assistência Hospitalar aos Escravos no Funchal. Séculos XV a XIX», in *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico*, 7, pp. 11-34.
- VIEIRA, Gilda França e FREITAS, António Aragão de, 1981, *Madeira. Investigação Bibliográfica*, vol. 1, Funchal, Centro de Apoio de Ciências Históricas.
- VIEIRA, Ismael, 2022, «As Geografias Médicas e a Apologia do Clima da Madeira: A Propósito da Climatoterapia da Tísica na Primeira Metade do Século XIX», in *Arquivo Histórico da Madeira*, Nova Série, 4, pp. 165-181.
- VIEIRA, Ismael Cerqueira, 2019, «A Ilha da Madeira como Centro de Tratamento de Doenças Pulmonares em Meados do Século XIX», in *Arquivo Histórico da Madeira*, Nova Série, 1, pp. 381-405.
- VIEIRA, Ismael Cerqueira 2016, *Conhecer, Tratar e Combater a “Peste Branca”. A fisiologia e a luta contra a tuberculose em Portugal (1853-1975)*, Porto, CITCEM/Edições Afrontamento.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1987, «Na Madeira há 125 anos. Observações dum médico de tuberculosos alemão», in *Atlântico*, 12, pp. 274-285.

- WILHELM, Eberhard Axel, 1993, «A Madeira entre 1850 e 1900: uma estância de tísicos germânicos», in *Isleña*, 13, pp. 116-121.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1998, «Trabalhos de Meteorólogos e Climatólogos Germânicos sobre a Madeira (1815-1915)», in *Bocagiana. Museu Municipal do Funchal (História Natural)*, 188, pp. 1-8.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1999, «Agostinho José Leopoldo Trogher (1810-1858): médicos estrangeiros na Madeira I», in *Origens. Revista cultural*, vol. 1, pp. 7-12.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2000, «Carlos Guilherme Emílio Kampher (1803-1846): médicos estrangeiros na Madeira II», in *Origens. Revista cultural*, vol. 2, pp. 13-22.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2001, «A família suíço-madeirense Bühler: médicos estrangeiros na Madeira III», in *Origens. Revista cultural*, vol. 4, pp. 54-63.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2008, «Georg Frank Pfendler d'Ottensheim (1799-): médicos estrangeiros na Madeira IV (1847-1848)», in *Origens. Revista cultural*, vol. 17, pp. 58-68.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2009, «Walter Emanuel Alexander-Katz (1907-1994): médicos estrangeiros na Madeira V (1937-1945)», in *Origens. Revista cultural*, vol. 20, pp. 73-76.
- WINSLOW, Charles-Edward Amory, 1920, «The Untilled Fields of Public Health», in *Science*, vol. 51, 1306, pp. 23-33.

#### Webgrafia

- CARITA, Rui, 2016, «Hospital Militar», in *Aprender Madeira*, disponível em <https://aprendermadeira.net/article/hospital-militar>, consultado em 2022.09.21.
- COSTA, Ricardo Manuel Madruga da e CARVALHO, Magda Costa (eds.), 2017, *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, disponível em <https://nch.pt/boletim-do-nucleo-cultural-da-horta-n-o-26-2017-2/>, consultado em 2022.09.21.
- DigitUMA. Repositório Científico Digital da Universidade da Madeira*, disponível em <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/3>, consultado em 2022.09.21.
- DigitUMA. Repositório Científico Digital da Universidade da Madeira*, disponível em <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/2>, consultado em 2022.09.21.
- Direção-Geral do Arquivo e Biblioteca da Madeira*, disponível em <https://abm.madeira.gov.pt/instrumentos-de-descricao-documental/>, consultado em 2022.09.21.
- Direção-Geral do Ensino Superior*, disponível em <https://www.dges.gov.pt/guias/indarea.asp?area=42>, consultado em 2022.09.21.
- Direção-Geral do Ensino Superior*, disponível em <https://www.dges.gov.pt/guias/indarea.asp?area=72>, consultado em 2022.09.21.

- Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência*, disponível em <https://renates2.dgeec.mec.pt/>.
- LONDRAL, Ana Rita e TELES, Cátia, 2016, «Doenças e Epidemias», in *Aprender Madeira*, disponível em <https://aprenderamadeira.net/article/doencasepidemias>, consultado em 2022.09.21.
- LONDRAL, Ana Rita e TELES, Cátia, 2016, «Hospício da Princesa Dona Maria Amélia», in *Aprender Madeira*, disponível em consultado em 2022.09.21.
- LONDRAL, Ana Rita e TELES, Cátia, 2016, «Pita, António da Luz», in *Aprender Madeira*, disponível em <https://aprenderamadeira.net/article/pita-antonio-da-luz>, consultado em 2022.09.21.
- LONDRAL, Ana Rita e TELES, Cátia, 2017, «Tuberculose», in *Aprender Madeira*, disponível em <https://aprenderamadeira.net/article/tuberculose>, consultado em 2022.09.21.
- SANTOS, Filipe dos (coord.), 2012, *Newsletter 15*, disponível em [https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/3925/1/Newsletter\\_15.pdf](https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/3925/1/Newsletter_15.pdf), consultado em 2022.09.21.
- SALGUEIRO, Ana, 2020, «Nascimento, João Cabral do», in *Aprender Madeira*, disponível em <https://aprenderamadeira.net/article/nascimento-joao-cabral-do>, consultado em 2022.09.21.
- TELES, Cátia, 2016, «Hospitais», in *Aprender Madeira*, disponível em <https://aprenderamadeira.net/article/hospitais>, consultado em 2022.09.21.
- TELES, Cátia e LONDRAL, Ana Rita, 2015, «Escola Médico-Cirúrgica do Funchal», in *Aprender Madeira*, disponível em <https://aprenderamadeira.net/article/escola-medico-cirurgica-do-funchal>, consultado em 2022.09.21.
- UNIVERSIDADE DA MADEIRA, *História da Universidade*, disponível em <https://www.uma.pt/sobre/historia/>, consultado em 2022.09.21.